a Cena muda



CINEMA e RÁDIO

Os melhores astros do cinema em 52

Medalha de ouro para Marlene

A história de "Amei um Bicheiro"

N.º 2 ★ 9-1-53 ★ CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL





insinuante
INSINUANTE
Um Sapato que dispensa ADJETIVOS
131
CR$ 179,00
insinuante
é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.
• Saltos de borracha
• Otima vaqueta
• Côres: Preto-Beje-Vinho-Marron
• Numeração: de 34 á 44
• Remetemos para todo o Brasil porte Cr.$ 5,00
• Não faremos reembolso
CARIOCA 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201
AT. SEMOG/

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais

Volta à ativa o diretor dos milhões	4-5
Mesquitinha e Raquel Martins os melhores de 52 no cinema nacional	7
Michael Redgreave e Vivien Leigh entre os melhores do cinema mundial	11
Jorge Mistral passou férias no Rio	18-19

Cine-Romances

Amei um Bicheiro	12
Uma Noite no Tabarin	14
De Volta do Céu	16-17

Seções permanentes

Estréias no Mundo do Cinema	6
Notícias e comentários do Cinema Nacional, e Atrás das Cameras	10
Telas da Cidade	8-9
Hollywood Boulevard	15
Cena Responde e Cine-Crítica do Leitor	20

RÁDIO

Reportagens especiais

Ângela Maria também quer ser Rainha do Rádio	21-22-23
Cogita a ABCT de dar Medalha de Ouro para Marlene	25-26
Luto e Transferências Sensacionais no Rádio no Segundo Semestre de 52	27-28-29

Seções permanentes

Disse-me-disse, Daqui-dali-dacolá, Pontos de vista e Vale a pena saber	24
Sintonizando e Rádio-Social	33

Rádio-Novela

As Rosas de Maria Angélica, 19º capítulo	31-32

Música popular

Para Você Cantar	30

COMENTÁRIO

UMA EXPLICAÇÃO

Hoje não iremos discutir nem rádio nem cinema.

Vamos falar um pouco aos leitores sôbre nós mesmos.

Como todos devem ter verificado, desde setembro de 1952 esta revista vem apresentando uma feição redacional completamente diferente, que movimenta mais de uma dezena de redatores e vários operadores fotográficos, além de uma correspondente especial em Hollywood. Isto constitui um esfôrço para apresentar aos leitores de "A CENA" uma cobertura completa dos acontecimentos cinematográficos e radiofônicos, proporcionando duas revistas diferentes pelo preço de uma. Esta variedade de assuntos fartamente ilustrados, significa despesas maiores as que vinham sendo despendidas anteriormente a esta fase. Assim mesmo, com sacrifício, o preço foi mantido.

Na edição de Natal decidimos imprimir a CENA em papel de melhor qualidade, e o número agradou a todos os leitores pela nitidez das gravuras assim como a leitura tornou-se mais agradável. E' por êsse motivo que a partir do próximo número "A CENA" será impressa naquele excelente papel.

Também a partir do próximo número esta revista circulará nesta capital as quartas-feiras, antecipando-se assim em dois dias a data atual de venda, atendendo dêste modo as reclamações de milhares de leitores.

Como é do conhecimento público, verificam-se dia a dia aumentos de mão de obra gráfica, e todos os materiais de consumo da indústria gráfica de fabricação nacional tem tido o seu preço majorado numa progressão incessante. Tudo sobe espantosamente.

Por todos os motivos expostos o leitor verificará que somos compelidos contra nossa vontade a aumentar em um cruzeiro o preço de A CENA, que, assim, a partir do próximo número custará quatro cruzeiros em todo o território nacional.

Não visamos, com esta medida, nenhum lucro, tanto que A CENA passará a ser vendida com maior antecedência, às quartas-feiras, e será impressa em melhor papel, continuando a oferecer um excelente material de cinema e rádio.

Esta a nossa explicação e desde já somos gratos aos leitores pela atenção que vêm dispensando a mais antiga revista de cinema do Brasil.

A DIREÇÃO

NOSSA CAPA:

Marlene, depois de brilhar no rádio e no cinema, ingressou no teatro constituindo-se numa autêntica revelação.

Consta que a ABCT deverá lhe conferir a Medalha de Ouro como revelação da temporada de 52. Reportagem detalhada nas páginas 25 e 26. — (Foto Alexandre Miranda).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor **Gratuliano Brito** — Assistente **Renato de Alencar**
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

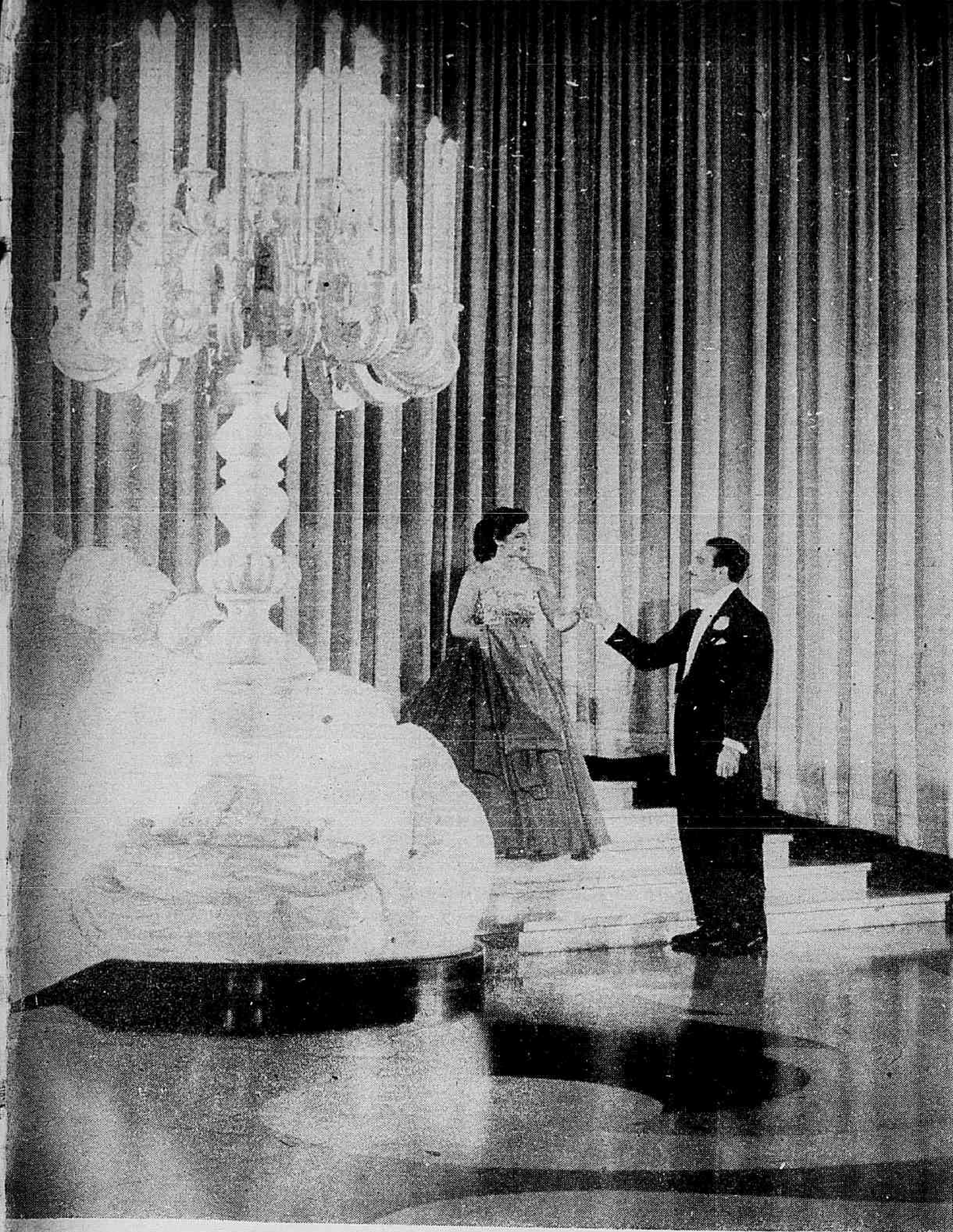
TELEFONES:

Redação	22-4447
Administração e Publicidade	22-9570
Gerência	22-8647
Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Número atrasado	Cr$	3,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 num.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00



Os maravilhosos ambientes do Hotel Quitandinha servem de cenário para mais esta produção nacional. Adelaide e Bené



O número do Ballet dos Arcos será uma atração para os baletomaníacos

Depois de
"Aviso aos navegantes" e "Carnaval no fogo"

VOLTA à ATIVA
O DIRETOR dos MILHÕES

WATSON MACEDO ESTÁ NOS ESTÚDIOS DA BRASIL VITA-FILMES, ENTREGUE À REALIZAÇÃO DE UM NOVO FILME DE CARNAVAL — UMA ENGRAÇADÍSSIMA HISTÓRIA ESCRITA POR ALINOR, WATSON E CAJADO FILHO — UM APRECIÁVEL GRUPO DE COMEDIANTES E GRANDES ATRAÇÕES MUSICAIS EM "E' FOGO NA ROUPA!..." — ROBERTO ACÁCIO, EX-ATOR, AGORA NO CAMPO DA PRODUÇÃO

Por LUÍS JORGE

E' de se recordar o memorável sucesso que alcançou entre o público brasileiro os filmes «Aviso aos navegantes» e «Carnaval no fogo», na realidade os verdadeiros alicerces da produção da Atlântida até hoje e fora de dúvida os que lançaram o nome do diretor Watson Macedo à preferência dos produtores. Foram as bilheterias dos cinemas por êsse Brasil afora que garantiram a indiscutível preferência do público por aquêles dois filmes nacionais. Projetado então como foi o nome do diretor Watson Macedo, dono de uma fórmula apreciável em matéria de filmes leves, feitos para divertir exclusivamente, nasceu então a grande fase da Atlântida e a produção regular no gênero, dotado do indispensável e até então não aproveitado fio condutor do argumento. E' que foram muitos os filmes musicais carnavalescos, antes de Watson Macedo, que não conseguiram se impor à preferência do público devido única e exclusivamente à falta da história, mesmo com relativo interêsse. A preocupação era a de fazer um arrebanhado de cantores, cantoras e músicas de cartazes sem outra qualquer imaginação. A fase nova dos filmes do gênero foi na realidade alcançada devido à experiência de Watson Macedo, e convenhamos mesmo que ninguém como êle poderá garantir ao público, ainda que com grande elenco, um filme onde estejam entrozados convenientemente a parte musical e o grande elemento que é a história.



Os comediantes Nena Napoli, Violeta Ferraz, Spina e Heliosa Helena (fazendo sua reentré no cinema)



Ankito: que do teatro foi para o cinema. Faz sua estréia em boas condições



Watson Macedo, o cômico cantor Ivon Cury e a anotadora Geny II, sobrinha de Watson

PRODUZINDO INDEPENDENTEMENTE

Tendo se desligado do quadro dos profissionais dos estúdios da Atlântida — onde por último fizera a comédia «Aí vem o Barão!» —, o diretor Watson Macedo está entregue à realização de filmes produzidos independentemente. E como a sua primeira experiência nêsse setor aí está «E' fogo na roupa!...», comédia-musical carnavalesca por êle mesmo escrita e de cujo roteiro se encarregaram os experientes Alinor de Azevedo e Cajado Filho. Roberto Acácio, ex-ator, que conhecemos de felizes atuações em «Caminhos do Sul», «Quando a noite acaba», etc., se aliou à Watson Macedo na produção de «E' fogo na roupa!...» e com êles outros tantos elementos para garantir sucesso dos mais expressivos no gênero. A partir da história, que conta muito engraçadamente qüiproquós oriundos de um singularíssimo Congresso Feminino, onde respeitáveis senhoras buscam soluções para defender os maridos das «garras» das «outras» com o lema «Os maridos são nossos...», «E' fogo na roupa!...» conta com muitas atrações.

UM APRECIÁVEL GRUPO DE COMEDIANTES

Watson Macedo decidiu-se entregar a interpretação do seu novo filme à um homogêneo grupo de comediantes sem preocupação de estrelismos. Assim é que naquela história aparecem os nomes de Heloisa Helena (a fes-

(Cont. na pág. 34)

Apoteose aos Arcos, número extra do filme, com Adelaide Chiozzo em 1º plano



ESTRÉIAS NO MUNDO do CINEMA

"THE THIEF" (O Ladrão) — United Artists

Estrelado por Ray Milland e pela novata Rita Gam, êsse filme é o primeiro, em vinte e cinco anos, a ser feito inteiramente sem diálogos. Do comêço ao fim não se emprega nenhuma palavra. E' a história do Dr. Hill, pesquisador atômico personificado por Ray Milland. Tinha êle o hábito de suprir com preciosas informações um grupo de agentes de espionagem. Quando se decide a parar com êsse fornecimento, o grupo o ameaça e exige a continuação. O telefone está tocando quando o filme começa, mas Dr. Hill não atende, conservando-se dentro da norma de não pronunciar uma palavra sequer. Como se vê, a história é fraquinha, mas a interpretação é tão convincente que o filme se torna um agradável entretenimento.

Prognóstico: Ainda que outras qualidades não tenha, o filme chamará a atenção pela curiosidade de ter sido realizado sem palavras.

"SOUND BARRIER" (A Barreira do Som) filme inglês

Quando o pilôto John Derrâ se desintegrou no espaço, no festival aéreo de Farmborough, seu colega Neville Duke o substituiu ràpidamente em outro avião supersônico, jogando da mesma maneira sua vida frente à "muralha da incompressibilidade". Não o fêz ùnicamente por fleuma britânica nem tão pouco porque era um ponto de honra cumprir mecânicamente o horário. Era por algo mais importante: outro pilôto de provas supersônicas declarou dias depois: "neste ofício não se pode ficar sob uma má impressão. Se o destino nos joga com uma desgraça, a única coisa a fazer é responder com outro desafio. Quem não tem mêdo antes de um vôo supersônico é um louco. Quem não tem mêde depois é um bem-aventurado. Mas os que têm mêdo durante o vôo mais rápido que o som, êsses não podem ser pilotos de provas". Eis aqui o código dêsses pilotos que desafiam constantemente a morte sacrificando suas vidas ao avanço científico da aviação. E' êste o tema dessa película britânica em que o argumento possui a um tempo o vigor e o interêsse do documentário e a ternura e a humanidade ao apresentar-nos unido à temática principal o drama de uma espôsa que aguarda em terra o regresso do esposo decidido a transpor a muralha do som...

Prognóstico: O filme foi realizado dentro de um estilo propositadamente sêco, sem maiores concessões ao romance que breves cenas de amor. E' bem o exemplo do semi-documentário que representa para o cimena moderno um caminho de largas possibilidades. Direção de David Lean e interpretação de Ralph Richardson, Ann Todd e Nigel Patrick.



Ann Todd em "A Barreira do Som", um filme prodigioso em estilo de semi-documentário



Esta é Rita Gam que com Ray Milland interpreta o duo central de "The Thief", um filme realizado sem diálogos.

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA



Maria Della Costa (mal aproveitada) na cena final de «Areião»



Mesquitinha, o personagem que simbolizou bem o conceito de que a nossa época não é propícia para «caolhos»



Jaime Barcelos (do teatro para o cinema) vai levando aos poucos o seu nome para o estrelato do nosso cinema

MESQUITINHA e RAQUEL MARTINS OS MELHORES de 52 do CINEMA NACIONAL

Escreveu **PAULO BRANDÃO**

Indiscutivelmente, Mesquitinha foi o melhor ator de cinema na temporada que passou. Viveu êle o papel de «Simão o Caolho», que foi hàbilmente dirigido por Alberto Cavalcanti.

Grande Otelo, teve mais uma vez a oportunidade de mostrar as suas qualidades como verdadeiro artista de cinema pois o seu trabalho em «Três Vagabundos» lhe valeu o título, fazendo assim cair o tabu «Oscarito». Otelo é muito melhor, já dizia Orson Welles, quando de sua estada por aqui. Não podíamos deixar de lado a figura máxima de outrora, ou seja Anselmo Duarte, que apenas mereceu estar incluído nesta relação, pela honestidade de seu desempenho em «Tico-Tico no Fubá».

AS MULHERES DO CINEMA BRASILEIRO

Outra surprêsa constituiu a estréia de Raquel Martins, em telas de cinema. Justo e merecido pelo seu trabalho magnífico em «Simão o Caolho». Fazemos votos que sua volta seja breve. Não podemos deixar de classificar a simpática Maria Della Costa, que foi muito mal aproveitada em «Areião», pelo Diretor italiano, que não soube tirar partido da sua beleza física, para interpretar «Presença de Anita». Outra figura bastante simpática e bonita do nosso ecran, é sem sombra de dúvida Tônia Carrero.

E por falar das muheres do nosso cinema, não podemos deixar de assinalar como «revelação» a ex-Rainha do Rádio, Marlene, que fazendo seu debut em «Tudo Azul» deixou uma ótima impressão.

★

Entre os coadjuvantes masculinos que destacaram-se na temporada, temos primeiramente o nome de Carlos Araujo, que como o inventor das arábias em «Simão o Caolho» patenteou o seu tipo. Outro trabalho, bem composto foi o de Jayme Barcellos, em «Modêlo 19» que aliás em «Comprador de Fazendas» já havia dito e mostrado o que sabe a respeito da arte de representar. Aqui está também incluído o nome de Carlos Cotrim, que fazendo o «Gringo» de «Areião» o fêz de uma maneira correta, suas falhas no filme são devidas ao seu Diretor italiano, que não conhecia muito bem o sentido do «gringo» entre nós. Preferimos a forma de «revelação» para o jovem Miro Cerni, pelo seu desempenho em «Preço de Um desejo». Fotogràficamente falando somos forçados a dar o «Oscar» ao homem que filmou «Hamlet» na Grã-Bretanha, e que se chama Ray Sturges, pela sua excelente iluminação em «Apassionata».

Em nosso número anterior já havíamos anunciado o vencedor do «Derby dos Diretores». Venceu de ponta a ponta o grande cineasta e amigo, Alberto Cavalcanti com o «Simão o Caolho».

A música no filme brasileiro, parece que ainda não encontrou a solução ideal, pois os valores como Claudio Santoro, Guerra Peixe, Gaya e Cipó não apareceram como deveriam, fazendo música para as nossas fitas.



Raquel Martins (descoberta de Cavalcanti) desempenhou a altura o papel da mulher brasileira



O veterano Grande Otelo, deu mais uma soberba demonstração do seu valor como autêntico «cômico»







TELAS DA

AMÔRES e VENENOS

Velho abacaxi italiano só agora nos vem impingido pela Art-Filmes que deixa de importar filmes como «Milagre em Milão» de Sica, premiado em diversos festivais internacionais, para nos trazer êstes montes de besteiras. E' não ter mesmo nada que fazer, é ter uma vida totalmente vazia e ôca despender duas preciosas horas e preciosos dez cruzeiros para ver êste filme. E como há gente sem ter nada que fazer, nada em que sonhar, ninguém a amar e que lota os cinemas exibidores de abacaxis! Que absurdo! Quando não há o que fazer, mas nada mesmo, absolutamente nada, e se quer gastar os dez cruzeiros que queimam no bôlso, faça-se o seguinte: dê-se os dez cruzeiros ao primeiro grupo de tecelões grevistas que se encontrar e as duas horas dediquem-nas a conversar com alguém: uma menina feia, por exemplo qualquer uma, mesmo desconhecida... Só duas horas, não é preciso mais... E verão quanto bem fizeram, quanta alegria propiciaram a uma vida triste e feia e quando as largarem verão como as lágrimas correm mais fàcilmente e como vocês já não são tão estúpidos como o eram antes...

Sôbre o filme: a História tem servido de cúmplice para milhares de abortos cinematográficos. Aliás esta arte recente que é o cinema, tem-na maltratado impiedosamente. Cristina, a rainha sueca que trocou a coroa pelo amor e passou a correr mundo, é o tema dêste filme que tem o excelente Amadeo Nazzari entre o tropel e os mugidos das centenas de canastras que o rodeiam.

Autêntico e insofismável **Hino à Cretinice,** a película é cretina do início ao final, quando então atinge cretinice inimaginável com a velha condêssa assassinando o próprio filho e ficando louca enquanto que na escada, depois de, mesmo ferido, vencer o adversário, Nazzari beija-se com sua amante para gáudio das platéias que se babam física e mentalmente.

Querem mais alguma coisa?!...







CIDADE

ALBERTO DINES

PECADORES DE S. FRANCISCO

Um título pretensioso com laivos históricos encobre um típico filmezinho de «cow-boy» que nem dentro das limitações a que foi confinado consegue agradar.

Seu diretor, Robert Parrish, que já nos deu o bom «Golpe do Destino» não consegue repetir a performance. Seu anterior trabalho como editor (montador) não deixou a esta sua obra presente nenhuma herança rítmica e conseqüentemente emocional.

O filme é um primor de lugar-comum. Tudo caminha «normalmente» e o espectador diverte-se no decorrer do filme em ver se acertaram as suas previsões sôbre o que ia acontecer. Para a maioria dos realizadores de Hollywood, o lugar-comum converteu-se em coisa sagrada, intocável ninguém ousa violá-lo. E por isto os filmes «fluem» maravilhosamente: êle encontra ela acidentalmente, depois êle se empenha em alguma tarefa épica e fraternal e descobre que ela é alguma coisa do vilão (êste alguma coisa pode variar, mas infelizmente as «gradações» são poucas...); êle persegue o vilão e o vilão a êle, ela começa muito feminina e colombinamente a pender para o lado do pierrot — êle que, no fundo e no fim, é um arlequim, depois há o duelo final com a vitória dêle sôbre o vilão que jaz morto junto com seus vinte capangas varado pelas 6 balas do revólver, dêle. E, finalmente, vem o ósculo epilogador tomado num close. E' esta a regra geral. Às vêzes alguém revoluciona a linha de montagem com alguma modificação. No caso, Parrish transformou a sirigaita Yvonne De Carlo numa espécie de «mãe dos pobres» da cidade.

Outra inovação fantástica: o duelo final foi feito com carabinas! Maravilhoso! Que fértil imaginação a dêstes cenaristas!



VÍTIMAS DO PECADO

Dos maiores e únicos expoentes do cinema mexicano, a dupla Fernandez-Figueroa, temos êste filme que poderíamos denominar de "filme para ganhar dinheiro", em oposição aos seus magníficos filmes "para fazer Arte". As contingências desta vida, a luta pela sobrevivência, a luta para se afirmar e finalmente a luta para vencer obrigam ao artista ter que macular sua Arte criando coisas de agrado dos que as encomendam, dos que estão por cima, e, conseqüentemente, coisas de baixo-gôsto.

Alguns, aderem a esta condição e, mesmo, imunizam-se contra ela, fazendo as porcarias encomendadas mas criando também as possibilidades de independência material para se realizarem artìsticamente. Outros, intolerantes, cabeçudos, absolutos e sectários, resolvem não fazer nada.

Mas desta nova obra de Fernandez-Figueroa parece que emana durante todo o seu decorrer uma tese-justificativa: o talento e sua cristalização — um estilo, podem salvar um tema, por pior que êle seja. Podem. Mas no caso não salvam. Não porque Fernandez, como argumentista e cenarista, tenha eivado o seu filme de lugares-comuns típicos dos filmes mexicanos, mas porque o seu talento e seu estilo resumiram-se sòmente às suas conseqüências formais: criação de atmosfera, de ambiente e situações, segura caracterização dos tipos, trabalho fotográfico e cinematográfico admirável, vigor rítmico, contraponto sonoro-visual, etc. O talento do realizador de "Maclovia", "A pérola", "Maria Candelária", "Rio Escondido" e "A Malquerida", ficou sòmente no explorar a plasticidade pictórica, (perdoem a redundância), dramática e emocional dos ambientes e vidas do bas-fond como o faria qualquer poetazinho existencialista que fôsse procurar "conteúdo de vida" no convívio amoroso com uma prostituta ou com um pederasta. Mas Fernandez ficou na superfície. Não foi ao âmaro dos lugares-comuns e do tema, todo êle um lugar-comum. A profundidade tem o divino e mágico dom de transformar os lugares-comuns mais batidos, usados, surrados e explorados em coisas virgens e novas. Os maiores cineastas mexicanos discípulos de Eisenstein e uns dos mais vigorosos cineastas nacionais de todo o mundo, perderam uma grande oportunidade de abordar uma nova facêta da vida mexicana — o asfalto. Tiveram êles a oportunidade de mostrar a antítese devoradora de todo aquêle mundo puro, vigoroso, bravio e apaixonado que êles mostraram em suas obras anteriores. Realizaram êles sòmente mais um

(Cont. na pá. 34)



OLIVER TWIST

Finalmente entre nós, com alguns anos de atraso, a adaptação de David Lean da obra de Charles Dickens.

O realizador de «Great Expectations» (também de Dickens), «Brief Encounter» e «Story of a Woman» integra, junto com Carol Reed e Thorold Dikinson, a nata da moderna escola britânica onde primam não só um virtuosismo estético formal (fotografia, montagem, banda sonora) herança indubitável dos documentaristas, mas um conseqüente virtuosismo dramático e emocional que, no caso de Carol Reed, chegou ao máximo e embriagou-o, convertendo-se em «suspense» elaborado, artificial, exasperante e gomoso e dramàticamente primário.

David Lean, entretanto, como Dickinson, não fica sòmente no demonstrar o seu conhecimento da psicologia humana pondo-o a serviço da teoria «do susto atrás de cada porta» como o faz Reed e Hitchock. Suas obras assentam-se nos sentimentos e não nas «emoções». Êle é profundamente humano e real e, por isso, atinge e aproxima ao invés de atrair magnética e histèricamente, exasperar e esfalfar o espectador, como sói acontecer com os malabarismos cerebrais e enxadrísticos do suspense barato e circense.

David Lean é humano, é real. Suas obras voltam-se para as coisas simples, corriqueiras, suas histórias pulsam e vivem independentes de qualquer captação mais elaborada, sua fluência é imanente à espontaneidade dos acontecimentos e da Vida. Tendo então êste material a trabalhar, já pode Lean procurar dar-lhe uma fôrça de penetração maior através de um excelente tratamento formal justo e medido.

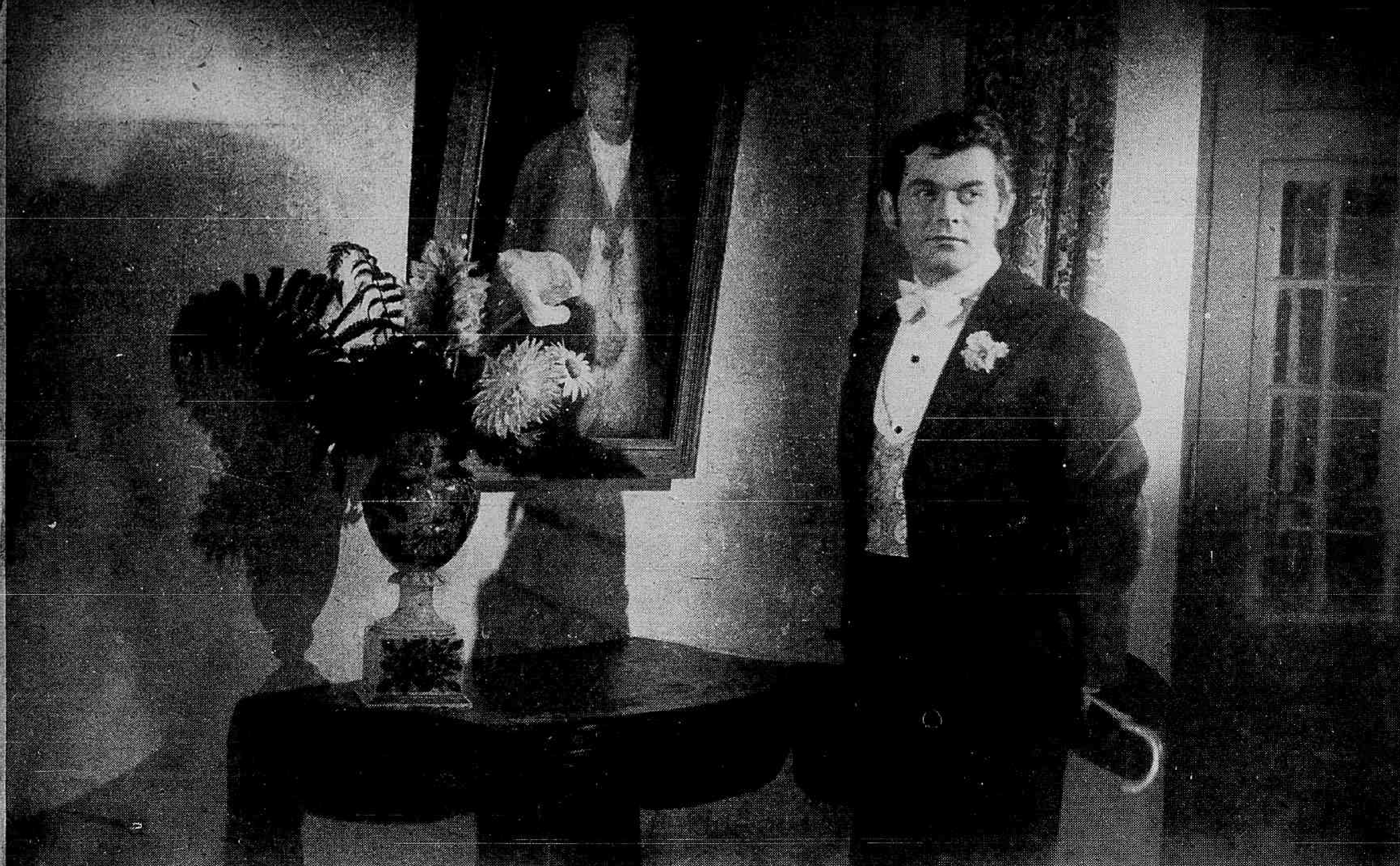
No caso deste filme, Lean tomou posições incoerentes com suas obras anteriores. A fidelidade a Dickens obrigou-o a realizar uma obra visceralmente Dickensiana. Formal e literàriamente Lean prendeu-se a Dickens e isto afastou-o de seu ecletismo e de sua adotada pluralidade psicológica obrigando-o a trilhar as mesmas sendas esquemáticas, um pouco caricaturescas, primárias, absolutas (o Bem é sempre Bem e o Mal, sempre Mal), que caracterizaram tôdas obras de Dickens e que, apreciadas em seu conjunto, são também uniformes e esquemáticas.

Mas, se por um lado, esta fidelidade confina Lean a um monolitismo psicológico e humano inverídicos, isto, por outro lado, torna os tipos vigorosos as situações claras e as conceituações e morais nítidas, fàcilmente deglutíveis por nossas platéias cansadas da complexidade hamletiana dos personagens e sem poder situar, precisar e mesmo diferenciar o Bem e o Mal. Um esquema, entretanto, consegue-o cabalmente.

(Dai, a caracterização do usurário Fagin ter suscitado em diversas coletividades judaicas de todo o mundo, uma onda de protestos, sendo mesmo o filme proibido em alguns países, por êste motivo. Compreende-se: a sensibilidade judaiva viu-se ferida pelo esquema que intrinsecamente generaliza para

(Cont. na pá. 34)





Anselmo Duarte, vestido no estilo da época, em «Sinhá Moça», uma das mais recentes produções da Vera Cruz, e que ocorre em fins do século passado

NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS do CINEMA NACIONAL

Por JUSTUS

PREMIÈRE AUSPICIOSA — A 0 hora de 1953 teve início no Cine Palácio a avant-première de "Amei um Bicheiro". Apesar dos revelleiros, do desfile das escolas de Samba e de outras comemorações, êste cinema da Cinelândia lotou-se completamente, numa cabal e insofismável demonstração da simpatia que goza, apesar de tudo, o nosso cinema nacional. Há sòmente a lamentar a ausência do caráter de première: vieram pouquíssimos críticos num deselegante gesto para com os dois críticos (Lleli e Wanderley) que realizaram a película, e os próprios produtores esqueceram-se de dar a devida projeção e atenção ao seu filme. E tôda esta atenção para um dos melhores filmes da Atlântida!... Parabéns antecipados aos dois realizadores.

★

SAPADORES — A vinda de Giuseppe de Sanctis parece que se confirma. Isto dizemos porque a volta dos que o trarão começam a polular os candidatos a sua assistência... Boa gente!...

★

FALTA A GAITA — Apesar de já ter preparado um roteiro minucioso e completo de seu "Estouro na Praça", Alex Vianny ainda não encontrou um produtor para a sua realização, é pena!

★

MALAS DESFEITAS — O nosso Jakson de Souza já estava de malas prontas para São Paulo, quando decidiu o contrário e resolveu ficar. Alegação: apesar de tudo, a "terrinha" é como mulher — não larga.

ADEUS — Soube-se através de uma correspondência de São Paulo que a Maristela já não fará os filmes com Procópio. Ela pretende vender os direitos dos filmes para a Vera Cruz. E' pena!

Clube de Correspondência

Intercâmbio Cultural, Sentimental e Social

Se V. deseja fazer Amizades, ou conhecer pessoas do sexo oposto com propósito Sentimental ou Cultural, podemos ajudar-lhe.

Temos listas com centenas de descrições e fotos, de pessoas sinceras e de ótima aparência, de tôdas posições sociais, religiões e graus de cultura, que desejam corresponder-se.

Atenção especial à cada associado e máximo segrêdo.

Escreva-nos hoje. Mencione o seu endereço a esta revista e receberá GRATIS um folheto informativo.

Clube de Correspondência — Caixa Postal 2632

(Nossos envelopes não têm timbre)

ATRÁS DAS CAMERAS

Por MR. TAKE

O furo da semana é o seguinte: PAULO MAURÍCIO de 'Vendaval Maravilhoso" vai fazer entrega do seu automóvel ao Bingo do Clube de Regatas do Flamengo. Motivo: êle vai receber em 53 um Cadilac Sedan verde.

★

As coisas lá pela "Labia Filmes do Brasil, Filiada a Beiço Corporation of Los Angeles" sita à rua Araújo Pôrto Alegre, em frente ao Edifício da A. B. I. não vão muito boas, pois ùltimamente o ambiente tem ficado repleto de brigas, diz que diz e etc. Será que a coisa vai continuar ano a dentro?

★

A família Eurides, Alípio, Tanko, Barroso Netto, anda sumida da cidade o que é que há?. Queremos notícias.

★

O ator de Teatro e Cinema, Procópio Ferreira, fechou no escuro, um grande contrato com a Cia. Maristela para dirigir dois filmes durante o ano de 1953.

★

Ainda não é desta feita que podemos apresentar a lista dos candidatos para a Diretoria da A. B. C. C. para o período 53/54. Continuem aguardando. Por falar em aguardar aqui estamos esperando pelo convite do Sr. Netto da United para assistir a "Limelight" de Chaplin.


A magnífica Judy Holiday em «Nascida Ontem»

pas e que as produtoras americanas estampam em seus filmes para homens e mulheres se babarem física e mentalmente. Como não se fala aqui na carne que se compra nos açougues, como não se fala aqui na outra que se compra em outros, não se falará aqui nas "estrêlas" e nos "galãs".

E são êstes os dez melhores atores do ano de 1952: (já estão avisados — nem nenhuma ordem hierárquica).

MICHAEL REDGREAVE — por seu admirável trabalho no admirável filme de Asquith "Nunca te Amei". Compõe com uma maravilhosa perfeição o professor externamente frio, internamente amargurado e sofredor. Sua voz, cada gesto, cada olhar são a um tempo frios, irônicos, mas com muito de corça, de animal perseguido. E' o inglês que mantém-se impassível ante a infidelidade da espôsa, é o Homem que se revolta contra a baixeza dos sentimentos humanos, é o Artista que domestica tudo isto e Cria!

KATHERINE HEPBURN — ("Mulher Absoluta" e "Uma Aventura na África") — Ela é feia, ela é reta, ela é ossuda, ela é magra, deselegante, pouco atraente e os suspiros que ela põe na bôca da gente "que mulher!" traduzem bem os louvores: "que atriz!"

HUMPHREY BOGART — ("Uma Aventura na África" e "Hora da Vingança") depois de fixar-se como "vilão", Bogart conseguiu a independência para mostrar o bom ator que êle é.


Depois de fazer muito vilão e ganhar muito dinheiro, Humphrey Bogart revelou-se um grande ator e movido por honestas iniciativas

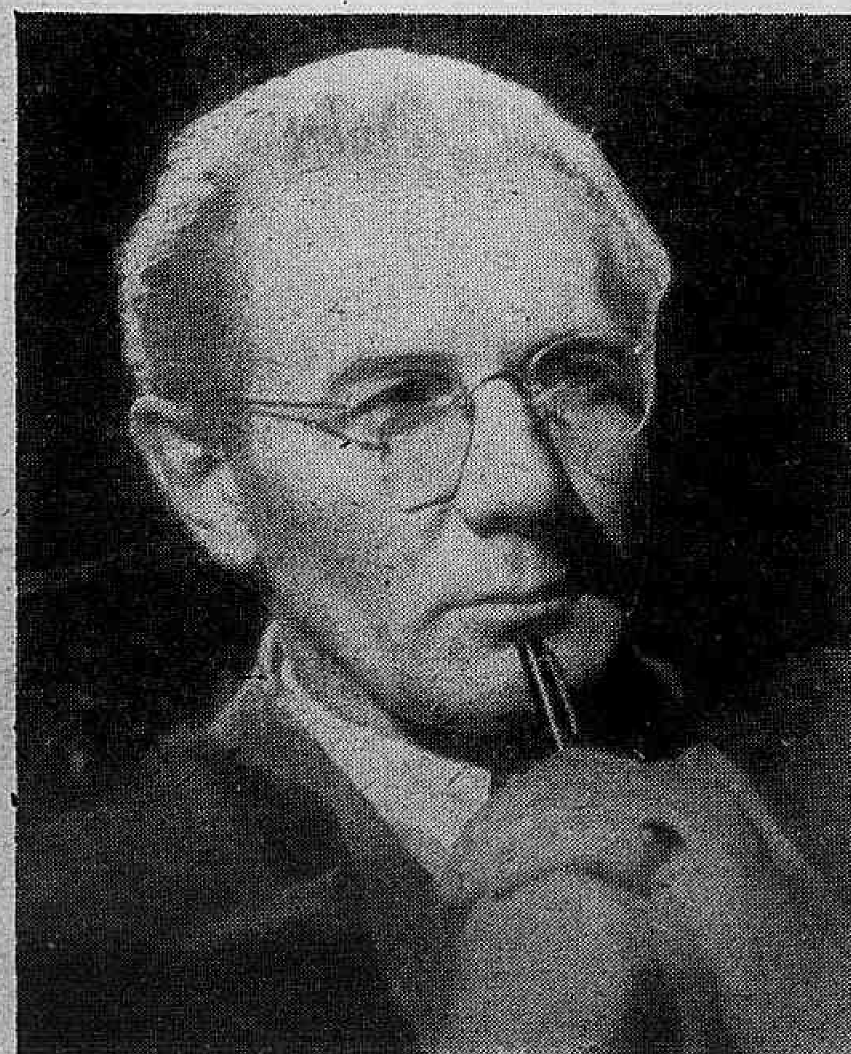
MICHAEL REDGREAVE e VIVIEN LEIGH
ENTRE OS DEZ MELHORES ARTISTAS de 1952

A. DINES

Mais um retrospecto: (que fazer, a doença pegou!) Desta vez falaremos dos atores. Meio besta, porque ator, bom ator, pressupõe uma boa direção e uma cenarização que arme convincentemente o personagem. Isto significa que ator é definitivamente um intérprete, um instrumento.

E há bons e maus intérpretes. E há aquêles intérpretes que simplesmente interpretam. E há os que põem algo de si nas suas interpretações. E há os bons instrumentos e há os maus instrumentos. E há os instrumentos afinados, perfeitos, e há os instrumentos que acima disto, são afinadamente desafinados, que sabem berrar, chorar de alegria, rir de tristeza — os bons atores.

Não se faia, proibo terminantemente alguém lembrar, os montes de pernas & caras bonitas & os... & as... que as revistas (inclusive "A CENA") estampam em suas ca-


O sóbrio e sereno Michael Redgreave


Montgomery Clift e Shelley Winters, jovens e bonitos são bem diferentes da cambada sofisticada de Hollywood

KIRK DOUGLAS e MONTGOMERY CLIFT — são dos poucos da jovem geração que se colocam na posição de terem algo mais do que a fachada. Têm muito talento e não só isto: têm escola, honestidade e seriedade artísticas.

JUDY HOLIDAY — a magnífica atriz de "Nascida Ontem" teve um dos maiores desempenhos femininos já vistos dentro do plano da comédia. Aquela voz e composição do tipo de caipira-metropolitana são grandes criações.

SHELLEY WINTERS — pode ser colocada no mesmo plano de Kirk Douglas e Montgomery Clift. Bonita e atraente, ela tem muito mais do que isto para pôr nos seus papéis. Desempenho inesquecível: a mulher rejeitado em "Um Lugar ao Sol".

MARLON BRANDO — "Streetcar" e "Viva Zapata") jovem, possuidor de um talento fabuloso eêle ainda não conseguiu dosá-lo, domesticá-lo e orientá-lo com serenidade. Voz e expressão corporal notáveis.

VIVIEN LEIGH — fabulosa na criação de Blanche Dubois, num misto de ternura, ingenuidade, loucura e sordidez. Olhos e mãos divinos!

JEAN KENT — ("Nunca te Amei" e "A Mulher Falada"). Atriz sólida, madura e inteligente. Em "Mulher Falada" compôs quatro versões de uma mesma mulher, de forma admirável, sem pontos de contatos interpretativos nas distintas versões (queremos ver Alec Guiness fazendo os oito diferentes papéis).

E' êste o melhor elemento humano que vimos pulsar nos filmes de 1952. Foram êles, em última análise, que nos fizeram rir, chorar, sofrer e sonhar. Êles são, em suma, "nós". Êles conseguiram que nós nos aceitássemos, sem choques, sem revoltas, sem artifícios. Mestres.


Kathie Hepburn, maravilha que não fenece



CINE-ROMANCE

AMEI UM BICHEIRO

(Produção da Atlântida)

Carlos	CYL FARNEY
Laura	ELIANA
Passarinho	GRANDE OTELO
Almeida	JOSÉ LEWGOY
Ivone	JOSETTE

Direção: PAULO WANDERLEY e JORGE ILELI — Cenarização, JORGE ILELI — Diretor de Produção: DÉCIO TINOCO — Assistente de Direção: JOSÉ CARLOS ARANHA MANCA — Fotografia: AMLETO DAISSE — Maquilagem; PAULO CARTAS — Som, ALUÍSIO VIANA.



Que futuro poderia êle esperar naquela cidadezinha do interior? Moço, cheio de sonhos e ambições, Carlos via com angústia que não poderia dar à sua noiva, Laura, uma vida confortável como ela merecia. Resolve então ir para o Rio de Janeiro.

A grande cidade o absorveu, atraiu-o para o torvelinho. Sem trabalho, passando privações, foi obrigado a aceitar o primeiro emprêgo que lhe ofereceram, e do qual haviam pintado excelentes perspectivas monetárias sem, todavia, lhe exporem os seus riscos.

Tornou-se apanhador de «jôgo do bicho», trabalhando por conta do banqueiro Almeida, que controlava uma extensa área da cidade. A princípio, a emoção da aventura o seduziu, e os perigos que enfrentava eram largamente compensados pelo dinheiro que recebia.

Mas, eis que, um dia, deu-se o inevitável. Colhido nas malhas da polícia, foi prêso e condenado, e ninguém pensou em salvá-lo, nem mesmo o banqueiro Almeida, o qual achava que uma pequena lição bastaria a Carlos, que se havia tornado muito confiante em seu trabalho.

Ivone, entretanto, a formosa amante do banqueiro, não se conforma e vai procurar o rapaz na prisão. Tenta insuflar-lhe a ambição, mostrando-lhe que poderia ganhar nababescamente com o seu auxílio, enfrentando o banqueiro. Carlos, porém, recusa. Pretende abandonar aquela vida ilegal, cheia de perigos, e regressar à sua terra.

O regresso lhe foi uma decepção. Chega exatamente na hora em que sua amada Laura havia resolvido não mais esperá-lo, casando-se com outro. O encontro entre os dois provoca a reanimação do antigo amor. Interrompido o casamento, Laura decide acompanhar Carlos de volta ao Rio.

Na grande cidade, Carlos recomeça a luta. Tôdas as portas lhe são fechadas. Resiste em voltar ao jôgo, mas não há outro remédio. Torna a trabalhar com Almeida, num lugar de confiança, embora contra a vontade de Laura que desejaria afastá-lo de trabalho tão perigoso.

Laura precisa repentinamente submeter-se a uma operação, difícil e custosa, e Carlos recorre ao banqueiro para obter os 50.000 cruzeiros necessários. Almeida nega e, em desespêro, Carlos resolve «bancar» o jôgo em um dia decisivo para todos os banqueiros de «bicho».

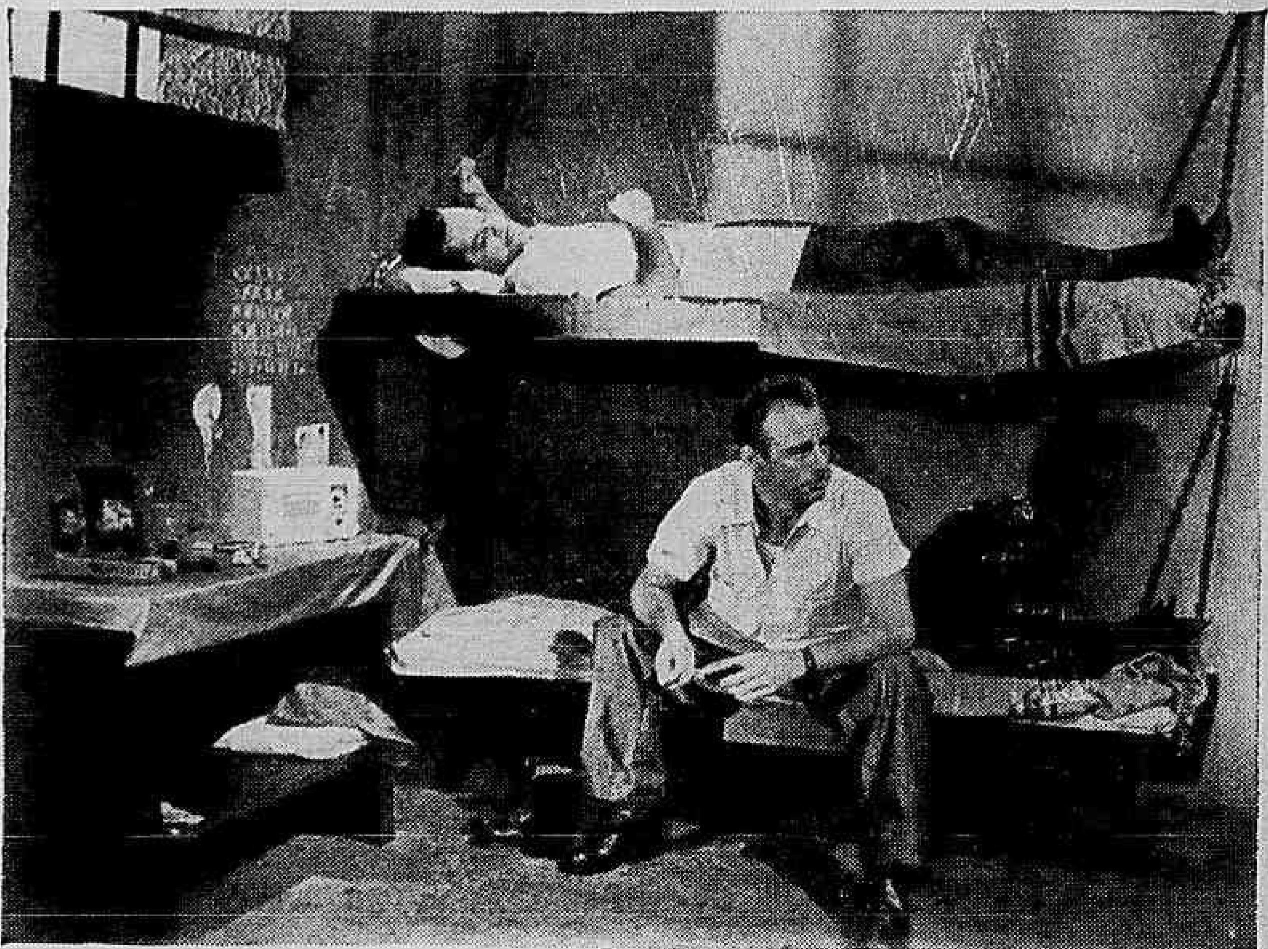
Descoberto o «xaveco», Almeida procura Carlos para dar-lhe uma lição, e depois de obter pela fôrça sua confissão, intima-o a pagar em determinado prazo. Insuflado pela ambição de Ivone, o rapaz tenta o contrôle de todos os agentes do jôgo do Bicho.

Começa então a luta mortal entre o banqueiro e Carlos. No meio de ambos, Ivone, que arrancava dinheiro do banqueiro para dar a Carlos, e ao mesmo tempo leva êste a descuidar-se de suas obrigações no lar.

Chegado o dia do pagamento, Carlos não pode satisfazer o débito. Ivone tira o dinheiro do próprio banqueiro, para dar ao rapaz. E Almeida ainda a informa que nessa noite estaria terminada a carreira de Carlos, pois a polícia iria destruir-lhe a «fortaleza».

Ivone corre para avisar Carlos e, quando a polícia chega, nada mais encontra. E a mulher confessa ao banqueiro a sua traição, dizendo que ela própria estava financiando o jôgo de Carlos. Indignado, Almeida manda seus capangas arrebentarem todos os pontos do adversário.

Carlos, em pânico, tenta fugir com Laura. Mas Ivone também deseja ir com êle.



Desentendem-se Ivone e Carlos, e êste combina fugir com Laura num avião de passageiros. Laura sai às escondidas do Hospital em que se achava internada. Chegando em casa é surpreendida por um dos capangas de Almeida, mas defende-se com um revólver e prostra-o sem vida. Em seguida corre desesperada pelas ruas rumo ao Aeroporto.

Neste interim Almeida descobre Carlos fugindo e o persegue. Carlos se refugia numa casa em que há um velório e consegue iludir o seu perseguidor, que vai procurá-lo na casa de Ivone na certeza de lá encontrar a sua vítima.

No elevador, por coincidência, Almeida depara com Ivone e indaga-lhe se vai fugir com Carlos. Ela nega, e diz que Carlos vai fugir de avião, êle não acredita, e a estrangula, mas no último momento de vida ela tira da bôlsa um revólver e atira em Almeida. Apesar de mortalmente ferido vai ao Aeroporto em busca de Carlos. Êste, no entanto, à última hora, no aeroporto, desiste de embarcar, porque Laura ainda não tinha chegado. Almeida chega ao Aeroporto e indaga sôbre o último avião para São Paulo. Respondem-lhe que já partiu. Êle então não resiste e cai morto.

Então chega Laura e vê o avião levantar vôo. Ela se desespera e começa a chorar quando surge Carlos, que tinha desistido da viagem, e os dois abraçados, olham o ajuntamento de pessoas em tôrno do cadáver de Almeida.



Cine Mundial

ESTADOS UNIDOS

Um curioso fenômeno está acontecendo com o cinema americano: enche Hollywood de artistas estrangeiros e manda os seus artistas para a Europa. Enquanto os estrangeiros Pier Angeli, Vittorio Gassman, Fernando Lamas, Leslie Caron, Michael Wilding, Ava Norring, Zsa Zsa Gabor, Hildegard Neff e outros dominam as platéias americanas, Errol Flynn, Claudette Colbert, Evelyn Keys, Jennifer Jones, Grégory Peck e Montgomery Clift filmam na Europa...

★

Para a «première» de «Two's Company», a comédia musicada que Bette Davis está interpretando na Broadway, a sua grande rival Tallulah. Bankhead comprou tôda a primeira fila do teatro, não se sabe com que intenções. Tallulah costuma dizer que Bette repete na tela o que ela faz no palco. E o que poderá dizer, agora, que Miss Davis invadiu os seus próprios domínios?

★

A nova versão de «Ben Hur» terá Robert Taylor no papel interpretado originalmente por Ramon Novarro.

★

Lex Barker (Tarzan) fará em «Come on Texas» um papel diferente de suas habituais atuações, em companhia de Randolph Scott.

★

Gina Lollobrigida estreará no cinema americano no filme «My Sister Good Night», com Franchot Tone.

★



Errol Flynn é o único «pirata» limpo dêsse grupo de sujos lôbos do mar que aparecem ao seu lado em «Agains All Flags», da Universal, com Maureen O'Hara

Gertrude Astor que foi «partenaire» de Rodolfo Valentino e John Barrimore no tempo do silencioso, voltará ao cinema em «Forever Female», com Ginger Rogers e William Holden.

★

Piper Laurie está encantada por ter que trabalhar ao lado de Tyrone Power em «Mississipi Gampler». Há dois anos atrás Piper era membro de um «Fan Club» daquele artista e ainda hoje conserva o retrato autografado que êle lhe mandou.

★

Quando vendeu os direitos cinematográficos de sua novela «My Cousin Rachel» a escritora Daphne du Maurier exigiu em contrato que a intérprete de seu livro fôsse uma dessas quatro atrizes: Greta Garbo, Vivien Leigh, Olivia de Havilland ou Alida Valli.

★

Possivelmente Gregory Peck filmará em Israel a história do rei Saul, um argumento do poeta e filósofo hebreu Ygal Mossenson. Se assim fôr, Mr. Peck tão cedo não retornará a Hollywood.

★

Joe Pasternak ainda não perdeu as esperanças de fazer um filme musical com Deanna Durbin. Parece que a demora tôda reside na espera de que Miss Durbin perca alguns quilos supérfluos.

INGLATERRA

Mai Zatterling, a linda estrêla sueca que brilha no cinema inglês, terá que fumar incessantemente no «thriller» a ser rodado na Alemanha «Desperate Moment». O pior de tudo é que, com a idade em que está, a Zatterling jamais pôs um cigarro na bôca...

★

Como as garôtas endiabradas são muito raras na austera Inglaterra, os produtores britânicas resolveram importar da França a turbulenta Jacqueline Perrieux para estrelar um musical «extravagante» nos estúdios de Elstree.

★

A nova sensação do cinema inglês atende pelo nome franco-brasileiro de Simone Silva. Mas, para o govêrno dos interessados, a pequena nasceu no Egito e vai aparecer com tôdas as honras estelares no filme «Street for Shadows» com Cesar Romero.

★

A irrequieta Zsa Zsa Gabor, que no momento é a mulher mais falada do mundo andou brigando ùltimamente com a Viscondessa Davidson, membro da Câmara dos Comuns. E' que em visita à Câmara baixa de S. Majestade Britânica, a atriz húngara aproveitou a oportunidade para deixar-se fotografar para fins publicitários diante das obras de arte da galeria Tate daquele palácio...



Vitor Mature, no papel de um arrogante capitão da Guarda Pretoriana de César, descobre que está amando uma pequena cristã (Jean Simons), em «Androcles e o Leão», da R.K.O.

ITÁLIA

Chegou a Roma, para participar no filme italiano «D'Artagnan contra Cyrano», Teresita Manuel, irmã da atriz Maria Montez de saudosa memória.

★

E' bastante comum o caso do diretor de teatro que se torna diretor de cinema. Mais rara é a recíproca, se bem que já alguns diretores de cinema foram convidados para dirigi teatro. Mas talvez seja de todo novidade o caso do diretor de cinema ser chamado para a direção artística de uma ópera como aconteceu com Robert Rosselini, ao qual se deve a direção cênica de «Otello», de Verdi.

★

Após «Bellíssima» e «Senhora sem Camélias», pretende-se rodar na Itália mais um filme tendo como ambiente o próprio mundo do cinema. Trata-se de uma produção à qual estão associados os nomes dos próprios intérpretes, Walter Chiari, Silvana Pampanini, Rossana Podestá, Delia Scala e Carlo Dapporto.



Barbara Britton, a linda estrelinha da Universal, apresenta a sua família: o marido, dr. Eugene Czukor e seus filhinhos Teddy, de 4 anos e Chris, de 4 meses. Barbara será vista brevemente em «The Raiders», com Richard Conte e Viveca Lindfors e em «Bwana Devil», o primeiro filme de longa metragem em terceira-dimensão, ao lado de Robert Stack



CINE-ROMANCE

UMA NOITE NO TABARIN

(Une Nuit à Tabarin)

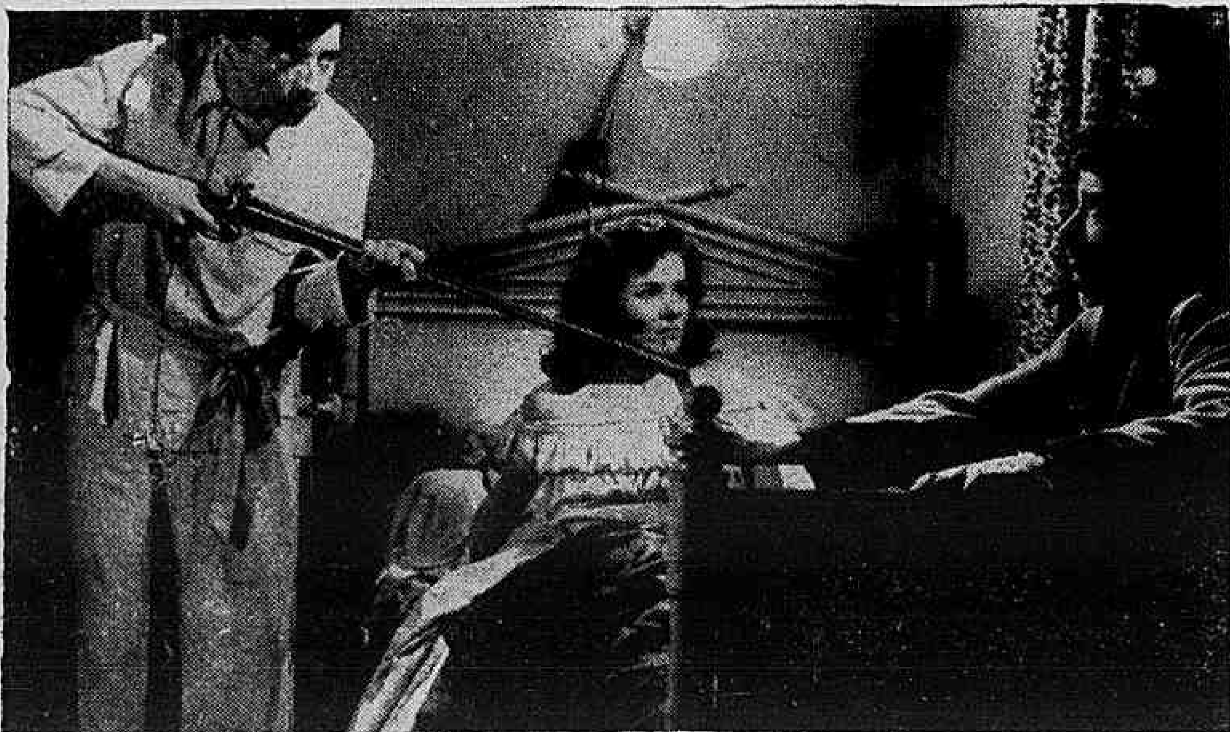
ELENCO

Cora	**JACQUELINE GAUTHIER**
Lurvine	**ROBERT DHERY**
Jean	**JEAN PAREDÈS**
Ajax	**GUY LOU**
Micheline	**DENISE BOSC**
Jeannette	**JEANNETTE BATTI**
	MARGO LION
	FÉLIX OUDART
	MAXIME FABERT
	MAUPI
	SINOEL
	ORBAL

e a Revista do TABARIN, sob a direção de P. Sandrini.

Argumento de Ernest Neubach & Henri Victor — Diológos de André Tabet — Música de Robert Stolz — Direção de Charles Lamac — Distribuição da «Telefilmes».





SINOPSE

Armand Lurvine é o Presidente da Liga Pró-Moral da Capital francesa. Êle é o fiel marido de Micheline e jamais havia pre:aricado. Juntamente com seus colegas, decide empreender uma campanha contra a imoralidade que reina no país, principalmente no que se refere aos «shows» de mulheres nuas nos «cabarets», como o «Tabarin». Por ironia do destino, o proprietário do «Tabarin» morre, deixando o célebre «music-hall» como herança ao digno sr. Lurvine. Ao tomar conhecimento do caso, Armand se apavora; imaginem se Micheline, sua espôsa, seus companheiros da Liga Pró-Moral, se Paris inteira, enfim, vier a saber disso ! Será um escândalo ! Êle, um homem do qual ninguém até aquêle dia, pôde dizer nada de desabonador, proprietário dum antro de perdição como é o «Tabarin» ! E êle resolve fechar o cabaré; é dêle e póde fazer o que quiser. Mas, recebe a visita da tempestuosa Cora, a «vedette» do «Tabarin», que acabou descobrindo quem era o atual dono do «cabaré». Como vem ameaçá-lo de morte, caso êle leve o plano a efeito o fechamento do «Tabarin» — diz ela — significará não só a perda do seu emprêgo, como a de 60 outras companheiras... E se o digno e respeitado Armand Lurvine quiser continuar vivendo, tem de desistir da campanha contra o «Tabarin»; caso contrário, irá fazer companhia aos seus antepassados... Cora sabe que a Lei está do seu lado, pois uma pessoa que priva muitas outras do seu ganha-pão, está incorrendo numa falta gravíssima... Saindo da sala, Cora lança o seu ultimato: — esperará a resposta até aquela noite, apenas. E convida Armand a assistir o «show» e conversar depois com ela. O respeitável Armand vai ao «Tabarin»; a princípio, choca-se ante a resplendente nudez das belíssimas mulheres que se apresentam cantando e dançando para o público entusiasmado. Mas, depois, vai arriscando um olhar, e, no fim, conquistado por aquêle espetáculo de beleza, assiste até ao fim, com um sorriso de prazer nos lábios. Em seguida vai ao camarim de Cora, e deslumbrado pelo encanto e pelo «entrain» da «estrêla», começa a tomar atitudes em desacôrdo com a sua posição. Cora está radiante, pois o que quer é envolver Armand em seus encantos, conseguindo simpatia para o seu caso. Num minuto de reflexão, porém, Armand se desvencilha dos braços de Cora, e diz que mais do que nunca levará a efeito a campanha pró-fechamento do «Tabarin». Êle chega em casa às 4 horas da manhã, encontrando sua espôsa Micheline de malas

(Cont. na pág. 34)



Charles Skouras, um dos chefões da Fox, ajudou Olivia De Havilland a gravar as mãos no «Chinese». Ainda que pareça incrível, apesar de no cinema há 17 anos, sendo vencedora de dois «Oscars», Olivia ainda não possuía suas impressões no histórico cimento



Assistida por uma multidão de curiosos, Olivia De Havilland grava seus pés no cimento mole do saguão do «Chinese Theatre», em Hollywood Boulevard, pouco antes do lançamento do seu último filme, «My Cousin Rachel», da 20th Century-Fox

HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

O que se diz e o que se ouve na Meca do Cinema

O cantor Vic Damone estava escalado para filmar a opereta «O Principe Estudante» com Jane Powell, mas foi recrutado pelo Exército e teve que servir Tio Sam durante um ano. A Metro mudou, então, totalmente seus planos e destinou aquele filme a Mario Lanza e Ann Blyth. O temperamental tenor teve, porém, um desentendimento com o departamento musical da M. G. M. e acabou não se apresentando para fazer o filme, o que causou até a ameaça de um processo judicial por parte dos estúdios do Leão. Agora, Vic Damone acaba de receber baixa do Exército e a primeira coisa que fêz ao voltar a Hollywood foi apresentar-se na Metro para cumprir o contrato. Há, portanto, grandes possibilidades de que êle venha a fazer o encantado **«Príncipe Estudante», mas, antes disso, será o galã de Jane Powell em «I Just Love You».**

—o—

Ao procurar defender-se dos avanços amorosos do ator Raymond Burr durante a filmagem de «The Blue Gardenia», Anne Baxter caiu e destroncou o tornozelo, tendo sido recolhida ao **Cedars Lebanon Hospital.** A princípio eram só os homens que se machucavam na filmagem de cênas perigosas. Agora são as **estrêlas...**

—o—

Até hoje ainda se comenta a fabulosa festa que Marion Davies ofereceu a Johnnie Ray — o «cantor-chorão» — quando da estréia do mesmo no «Ciro's». O mais interessante no caso é que Johnnie é casado com Marilyn Morrison, filha do dono do «Mocambo», o night-club rival do «Ciro's». Logo após a festa, Marilyn perdeu o bebê que estava esperando e agora já se fala em eminente divórcio do jovem casal.

—o—

Betsy Drake, espôsa de Cary Grant, declarou que tem estado ausente do cinema porque está se concentrando em escrever um livro. Um jornalista da cidade argumentou que, se fôsse ela, trataria de concentrar-se em... Cary Grant !

—o—

A nova glamourosa **personalidade do cinema é Jean Peters — na vida real uma garôta simples — a quem a Fox está destinando papéis sensuais à la Marilyn Monroe. Em «Pick-up on South Street», Jean será apresentada como uma verdadeira** femme fatale... **Seu** leading-man é **Richard Widmark.**

—o—

O bailarino Gene Nelson escreveu um «script» cinematográfico que espera vender à Warner para ser **estrelado** por Gordon MacRae e êle próprio. A história gira em tôrno de dois rapazes aparentemente «bonzinhos» que não passam de refinados malandros, mas **qualquer semelhança será méra coincidência...**

—o—

Mario Lanza viu seu desejo realizado antes do Natal: sua espôsa deu à luz um menino. O tenor da Metro já tinha duas filhas: Colleen, de 4 anos e Elissa, de 2, mas seu sonho era um herdeiro, que talvez seja batizado com seu próprio nome.

—o—

Quando Talulah Bankhead — que acaba de publicar sua autobiografia — desembarcou em Hollywood, após três anos de ausência, a primeira pessôa que ela pediu para lhe ser apresentada foi... Marilyn Monroe !



Mais um que se imortalizou no saguão do «Chinese Theatre»: Clifton Webb, o incrível Mr. Belvedere, escreve a expressão «Stars and Stripes Forever» (Estrêlas e Listas para Sempre) que é o nome de uma famosa e patriótica marcha americana e também o título do seu próximo filme

"De VOLTA do CÉU...

("You Never Can Tell")



(YOU NEVER CAN TELL)
Guia de Louis Breslow e David Chandler — Dirigida por Lou Breslow — Produzida por Leonard Goldstein — Diretor de fotografia, Maury Gerstman, A.S.C. — Direção artística, Bernard Hersbrun e Alexander Golitzen — Cenografia, Russel A. Gausman e Ruby R. Levit — Som, Leslie I. Carey e Richard DeWeese — Direção musical, Hans J. Salter — Editor gráfico, Frank Gross — Vestuário Bill Thomas — Penteados, Joan St. Oegger — Maquilage, Bud Westmore — Artifícios fotográficos, David S.Horsley, A.S.C.

ELENCO: — Red Shepherd, *Dick Powell* — Ellen Hathaway, *Peggy Dow* — Perry Collins, *Charles Drake* — Goldie, *Joyce Holden* — O avô, *Albert Sharpe* — A sra. Bowers, *Sara Taft*;
Tempo: 73 minutos.

O Presidente da Fábrica de Biscoitos Continental, Andrew Lindsay, morre aos 103 anos e lega sua imensa fortuna de 6 milhões de dólares a seu cão de nome King, porque o falecido em vida só tinha a amizade do cão e de sua secretária Ellen (Peggy Dow) a qual fica incumbida de zelar pela fortuna e pelo bem-estar de King, tornando-se herdeira dos milhões com a morte de King.

Entre os inúmeros curiosos aparece um vendedor-viajante de nome Perry Collins (Charles Drake) que se interessa demais pela boa sorte do cão.

Acontece que êste mesmo King havia sido recrutado durante a guerra e havia servido no corpo de expedicionários onde estava recrutado também Perry, de maneira que ambos eram velhos companheiros. Perry e Ellen, jovens e apreciadores do belo, se apaixonam. Mas quase que em seguida Charles é chamado para atender a um contrato sôbre extração de óleo em Oklahoma e mal êle deixa a casa e King aparece morto. Ellen é acusada de ter envenenado King para se apoderar do dinheiro. Perry volta apressadamente para ajudar Ellen.

Tillie, a cadela do vizinho que era uma grande amiga de King é vista chorando no lugar onde enterraram King, há realmente uma constante romaria de cães onde dorme o tão dedicado King.

No outro mundo King fica sabendo que será necessário êle voltar ao mundo num ser humano para livrar Ellen das garras de Perry Collins, pois havia sido êle o causador de sua morte.

King ou a alma de King volta ao mundo incorporada num detective particular, cujo nome é Rex Shepherd (Dick Powell). A secretária dêle de nome Goldie (Joyce Holden) noutra incarnação havia sido uma égua de corridas









que atendia pelo nome de Golden Harvest. E' necessário que ambos ajam ràpidamente. Ambos têm instruções para regressarem ao mundo dos animais antes da lua cheia na semana seguinte. Rex, porém, não podia chegar perto de Ellen e lhe dizer — «escuta eu fui King a quem Perry Collins envenenou». Goldie acha que êle deve agir de modo diferente e entrar logo com a verdade, com o que Rex não concorda.

Quando êle afinal vê Ellen, as coisas se resolvem ràpidamente, porque Tillie, a cadela faz tanta festa em Rex e Rex que havia prometido descobrir o matador de King, promete nada cobrar pelo serviço.

Perry estava com os planos todos marcados. Êle queria se casar com Ellen dentro de poucos dias, procura Rex e lhe diz que nada feito, Ellen desiste do processo. Falta um dia para a lua cheia, Rex e Goldie aparecem na casa de Lindsay para uma prova do crime. Rex descobre entre os arbustos um vidro que havia contido o arsênico do qual Perry se havia utilizado.

Ellen então manda Rex re-instaurar o processo mas quando êle exige que o casamento seja adiado, ela começa a pensar que é êle quem está interessado no dinheiro.

Colins exige a prisão de Rex. Rex causa ligeira confusão entre o corpo de detectives quando tem que explcar como é que êle sabia que o vidro continha arsênico quando arsênico não tem cheiro, ao que respondeu êle — «eu conheço bem, foi isto que causou a minha morte.»

Sôbre Rex recaem sérias suspeitas e êles então o mantém prêso até conseguirem elucidar o caso. Neste meio tempo chega o avô de Ellen, um velho marinheiro, para assistir as bodas de sua neta. Os detectives surpreendem uma conversa entre Rex e Goldie que os deixa boquiabertos — pois Rex dizia que detestava dinheiro que para êle só servira para causar-lhe a morte, antes disso le vivera bem feliz roendo ossos e vigiando seus amos! Êle faz mais uma tentativa para adiar o casamento, dizéndo à polícia que fôra êle quem envenenara King a mando de Ellen.

Rex achava que assim procedendo a fortuna seria embargada e que Perry Collins daria o fora. Mas a polícia acaba achando que Rex está doido e o manda passear.

Vendo uma ninhada de filhotes de Boxer no canil de Max von Eisenstadt, Rex tem uma brilhante idéia. Max era um velho amigo de guerra e dando o sinal de guerra, um tremendo urro, e então, Max pula a cêrca e se junta a Rex, e juntos vão novamente para a residência de Lindsay.

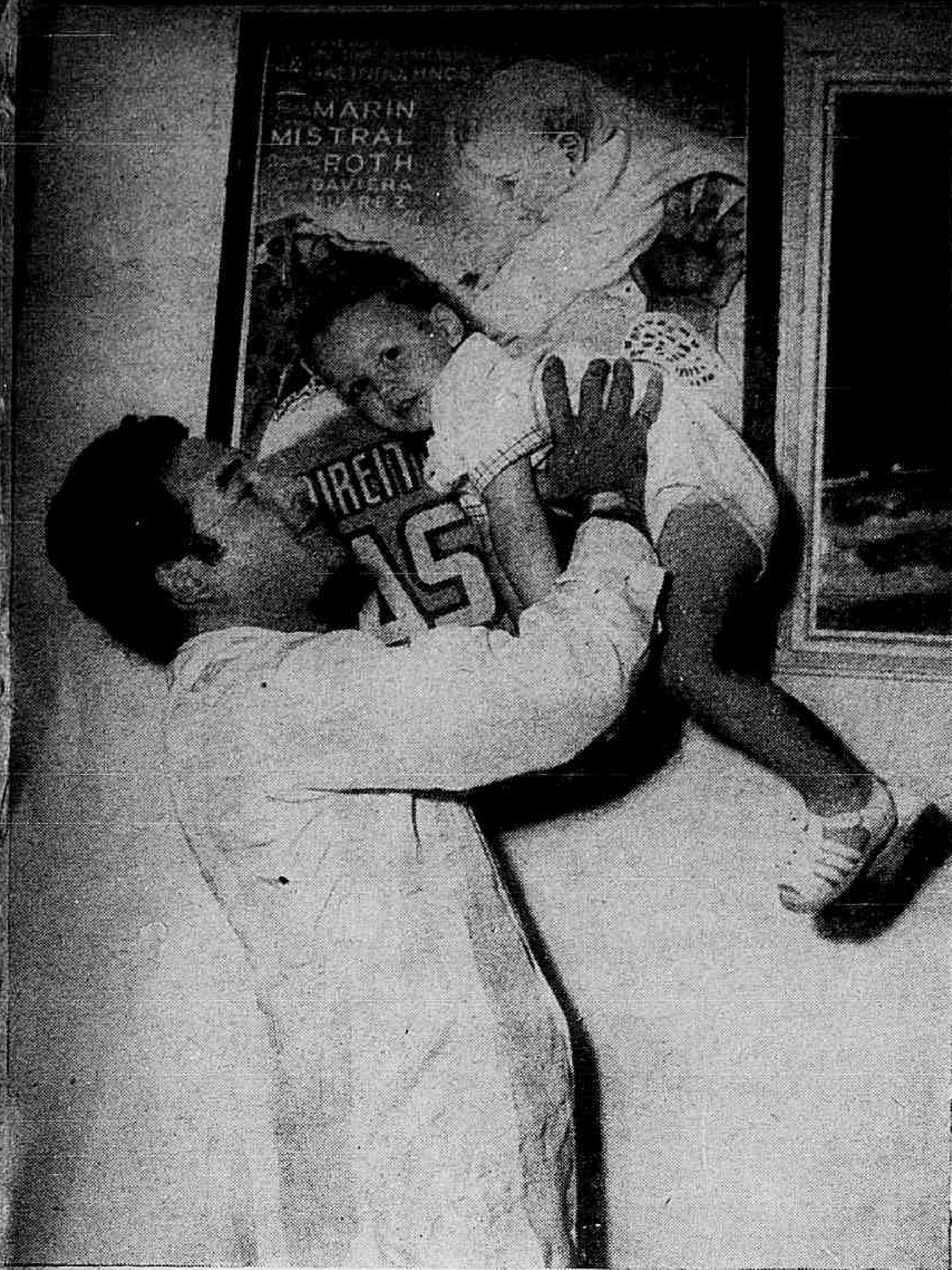
Ao ver Perry Collins, se não fôsse Rex, Max teria estraçalhado Perry. A essa altura Rex resolve contar o que sabe a respeito de Perry, como êle fôra sempre cruel para com os animais, como maltratara Max e como havia quebrado a perna de King e depois fingiu um acidente de «jeep» para fazer de conta que êle e King eram heróis.

O dono do canil havia avisado a polícia e esta na pessoa de um Sr. Smith persegue Rex e Rex reconhece nêle o Major Smith, o comandante do Corpo K-9. Smith afirma a veracidade da história contada por Rex a respeito de Perry Collins, e ao invés de acusar Rex de ter desviado Max e manda abrir inquérito à respeito de Collins.

Eis que a Lua deve aparecer a qualquer momento, Goldie, aflita tenta fazer com que Rex venha o mais depressa possível. Mas Rex mudou de idéia. Quando vemos Goldie voltando para o outro mundo, Rex com Ellen em seus braços contempla risonho a lua cheia.







Um rosto limpo de rugas, franco, másculo e dono de uma nobre expressão românica, cem por cento latina e particularmente «gitana», Jorge Mistral, impressiona pela fôrça magnética de uma verdadeira personalidade, dessas bem definidas e marcantes. Jovem, pois nasceu em 1920, é já um artista consagrado dos palcos e a caminho do êxito mundial depois de interpretar «O DIREITO DE NASCER, filme baseado na famosa novela de Felix B. Caignet e que a Pelmex nos exibirá em breve data.

Jorge Mistral, nascido em Espanha, dirigiu seus passos iniciais para se tornar um advogado, mas viu seus estudos interrompidos pela Guerra Civil espanhola. Dela não participou menos nem mais do que como um simples espectador, pois era um simples rapazola estudante. Ao reiniciar a luta pela vida, Jorge Mistral, de pensamento amadurecido e firme em suas decisões, sonhou em se tornar um artista famoso. Começou no teatro e em pouco menos de dois anos seu nome brilhava ao lado de outros nomes consagrados universalmente, interpretando todo o repertório clássico espanhol, Shakespeare (Macbeth), Benavente, Pirandelo, Anuhilli («A Selvagem» e «Euridice») e outros autores renomados. Com tão galharda figura o cinema sentiu que necessitava de uma personalidade tão talentosa como Jorge Mistral. Assim é que na Espanha já realizou 28 filmes, inclusive aquela obra portentosa «Loucura de Amor», o mais caro e espetacular filme realizado na terra de Cervantes, onde teve como «leading-lady», Aurora Batista. Com sucessos depois de sucessos Jorge Mistral atraiu a atenção dos produtores mexicanos e depois de assinar o mais vantajoso contrato já realizado entre essas duas cinematografias para um galã, Jorge Mistral chegou ao México e alí já tem 16 películas filmadas, inclusive «O Direito De Nascer», onde entregou o melhor de seu talento para plasmar o idealizado Alberto Limonta por milhares de ouvintes e leitores do mundo inteiro ! Milhares ? Não. Milhões e milhões nas mais diferentes línguas e latitudes universais ! Jorge Mistral «é totalmente» Alberto Limonta, por seu físico romântico e por sua sensibilidade dramática e temperamental !

Esta foi a impressão que Jorge Mistral deixou em todos os que o viram pessoalmente durante a sua viagem de férias, as primeiras depois de quase dois anos de intenso trabalho artístico !

— Sempre ouvi falar destas terras com superlativos brilhantes ! — Diz Jorge Mistral com os olhos expressivamente entusiasmados. Mas a realidade é, ainda, superior a tudo que me disseram e a quanto já vi ! Rio é um sonho, um verdadeiro «Sonho de uma Noite de Verão» — acrescentou espirituosamente se referindo ao calor que sentiu ao desembarcar, à uma hora da manhã, em presença de um grupo de jornalistas, cronistas e amigos, bem como de um bom número de fãs, que apesar do horário não vacilaram em receber aquêle que vai fazer periclitar muito prestigio hollywoodeano...

Dois dias depois, tornei a encontrar-me com Jorge Mistral. Estava vestido com a mesma displicência que caracteriza o atual jovem carioca, de blusão de sêda natural, impecavelmente branco, sapato de duas côres e um belo lenço de desenhos modernos no pescoço. Antes que pudesse dizer alguma cousa foi me declarando, já com conhecimentos da gíria carioca :

— Estou «taradinho» pelo café carioca e pelas garôtas de Copacabana !

Como eu o olhasse
— Tomei aqui o m
plásticas femininas ! Q
nhas ! Que «pésitos»
têm as mulheres do Br
Arrisquei, então, a
— Jorge, sua vida
mente ?
Jorge pestanejou u
— Depende, está b
agitada, mas igual a
mento... Agora vivo «
pôsa e meu garotinho,
Muito diplomata ês
Mudamos o rumo d
tos ponteou sôbre v
nar aos nossos pon s
tral, Corcovado, Qu ar
trópolis, Joá e Ja m
simpático galã tinh u
— Não sei se st
mas da próxima vez in
sileiro !
Falou, ainda, d es
melhante a Chicago, po
ções com acêrto, po su
rios continentes e muit
de conhecer o Oriente
Já que estávamos
nhamos diante de nós u
era natural que falasse
esquivou e falou sem p
— Além, muito além
profissão, o cinema é
sensibilidade. Nêle pos
personagens que interp
car intensamente suas
minha opinião, jamais
advento moderno !
Depois desta interr
gunta:
Sabe qual o meu p
Antes que eu fizess
vivacidade ibérica resp
— Dirigir. Realizar
obra tomar corpo, agig
no cinema ou no teatr
encargo.
Durante largo temp
finalmente, falarmos d
já atuou ao lado de m
— Jorge, quais as tr
— Sabe que est é
Quando escuto a palav
res Del Rio, com quen
Roberto Gavaldon. Do
completa. Sua voz, se
dão-lhe uma beleza per
sileira de nascimento,

Jorge Mistral, numa pose especial para «A CENA», no canto direito desta página

★

Ao centro, Jorge Mistral, sua espôsa Maria Cristina, e seu filho Jorgito, ao chegarem ao Rio de Janeiro

★

Ao alto, Jorge Mistral segura o seu filhinho Jorgito, que também trabalhou em «O Direito de Nascer», fazendo o papel de Albertinho Limonta quando criança

★

Em baixo, Jorge Mistral faz suas confidências ao repórter





hasse espantado, reafirmou:
o melhor café do mundo e vi as mais belas
s ! Que palminhos de rostos ! Que cinturi-
os» mais mimosos Que lindo tom moreno
do Brasil !
ão, a primeira pergunta indiscreta:
vida tem sido muito intensa... amorosa-

ou um momento e respondeu-me !
tá bem» ? Quando solteiro tive uma vida
l a de todos outros homens de tempera-
vo «a-pai-xo-na-da-men-te» para minha es-
nho, Jorgito.
ta êste Jorge Mistral !
no da conversa, que durante alguns minu-
e diversos assuntos para novamente retor-
n s turísticos, já visitados por Jorge Mis-
Quitandinha, Paquetá, Pão de Açúcar, Pe-
ardim Botânico. Para cada lugar dêstes o
h uma palavra exaltada !
esta vez terei tempo de visitar a Bahia,
ez irei conhecer êsse tradicional lugar bra-

do espanto que lhe deu São Paulo, tão se-
ro, pois Jorge Mistral póde fazer compara-
or suas viagens internacionais, conhece vá-
muitos países, tendo para o futuro planos
ente !
mais no terreno da internacionalidade e tí-
nas uma figura de projeção cinematográfica,
lassemos de cinema. Jorge Mistral não se
sem partidarismo.
além de ser o meu meio de vida ou minha
a é um modo de expressão para a minha
e posso esmiuçar todos os sentimentos dos
intérpreto, desdobrar sua psicologia e mar-
suas lutas e seus sonhos... O cinema, na
mais será derrotado por qualquer outro

interrogação Jorge Mistral fêz-me uma per-

meu plano futuro ?
fizesse alguma suposição, Jorge com aquela
respondeu-me:
alizar-me através dos intérpretes, ver uma
agigantar-se e ganhar realidade ! Dirigir
teatro, onde algumas vêzes já tomei êste

tempo falamos de teatro e cinema para,
os de artistas. Lembrei, então, que Jorge
de muitas mulheres famosas.
as três estrêlas que mais o impressionaram?
sta é uma pergunta difícil? Vamos ver...
palavra impressionante lembro-me de Dolo-
quem filmei «Deseada», sob a direção de
. Dolores é dona de uma personalidade
z, seus gestos e um certo quê espiritual
a perene e serena. Já Irasema Dilian, bra-
no, é um misto de temperamento latino

(Cont. na pág. 34)





JORGE MISTRAL PASSOU FÉRIAS NO RIO

O ALBERTINHO LIMONTA DO "DIREITO DE NASCER" FALA A "CENA" — SUA PERSONALIDADE, SUAS PALAVRAS E SUAS OPINIÕES DE SHAKESPEARE A COCTEAU



Maureen O'Sullivan, considerada uma das dez mulheres mais bonitas de Hollywood, resposta à Norma Queiroz, de Aracaju

o fã pergunta: "A CENA" responde

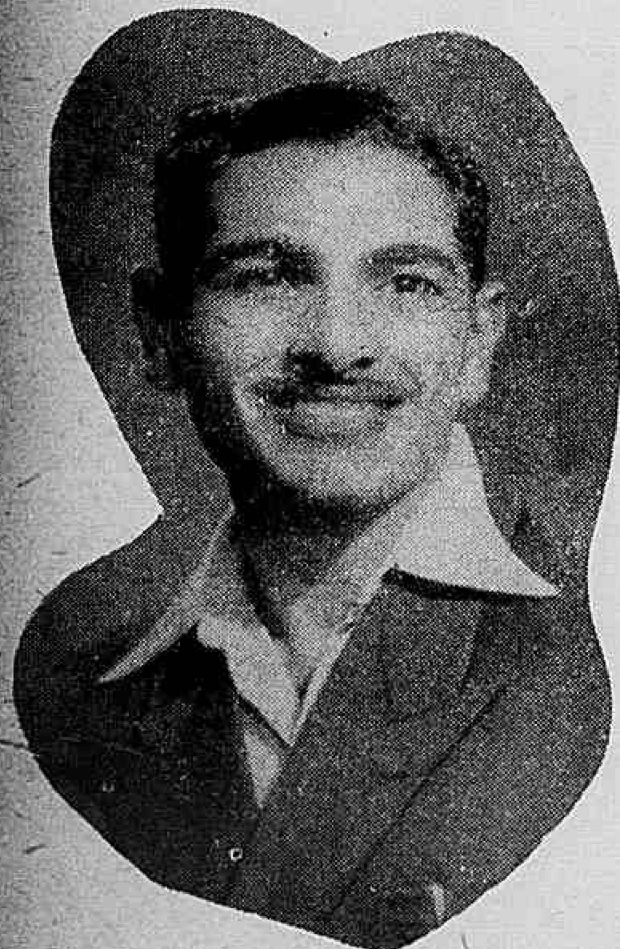
FRANCISCO DÓRIA (Fortaleza) — "... é verdade que o primeiro filme brasileiro em côres será filmado?..."

R — Não temos informações detalhadas sôbre êsse filme. Sabemos que se intitulará "Destino".

PORTUGAL BRAVO (Lourenço Marques, África) — "... estou interessado em ser ator cômico e sei trabalhar imenso em língua portuguêsa..."

R — Estamos publicando sua fotografia e seu endereço para o conhecimento dos que possam se interessar em suas qualidades artísticas: Portugal Bravo, Caixa Postal, 1275 — Lourenço Marques, África.

FLÁVIO MAIA (Natal) — "... qual o endereço de Ingrid Bergman?"



Portugal Bravo é africano de Lourenço Marques e quer trabalhar no cinema brasileiro

R — Não estamos autorizados a fornecer o endereço particular da artista. Escreva-lhe aos cuidados das Produzioni Pontis di Laurentiis, via Della Vasca Navata, 58 — Roma.

SELMA (Campinas) — "... em que filme Broderick Crawford ganhou o "Oscar"?"

R — "A Grande Ilusão" (All The King's Men).

WALDIR NETO DE PAULA (Juiz de Fora) — "... enviar-me uma foto da estrêla Gene Tierney...)

R — Não remetemos fotografias de artistas.

CIRO FIGUEIREDO (Distrito Federal) — "... quais os diretores dos filmes "Os Amores de Susana", "Trinta segundos sôbre Tóquio" e "Dois no Céu"?

R — Pela ordem de sua citação: William A. Seiter, Mervyn Le Roy e Victor Fleming.

JOSÉ PINTO FILHO (Distrito Federal) — "... quando foi lançado o filme "Trovador Inolvidável"? Creio..."

R — Está correta a sua suposição. A foto a que você se refere é mesmo de Eddie Cantor".

HEITOR MALINI (São Paulo) — "... seria possivel estampar na capa a fotografia de Katryn Grayson?"

R — Será providenciado oportunamente

NORMA QUEIROZ (Aracaju) — "... quantos filhos tem Maureen O'Sullivan e quem é seu espôso?"

R — Maureen é casada com o escritor e diretor John Farrow, de quem tem sete filhos. Apesar disso, ela foi incluída recentemente entre as dez mulheres mais bonitas de Hollywood.

MARIA HELENA (São Paulo) — "... por que Viviem Leigh não atua mais freqüentemente no cinema?"

R — Vivien Leigh é antes de tudo uma artista de teatro.

PEDRO SILVA (Distrito Federal) — "... poderia fornecer-me a ficha técnica do filme "O Grande Motim"?

R — "O Grande Motim" (Mutiny on the Bounty), produção da M.G.M., 1935, direção de Frank Lloyd, cenário de Talbot Jennings, Jules Furthman e Carey Wilson, música de Herberth Stothart, com Clark Gable Charles Laughton, Franchot Tone, Herbert Mudin, Donald Crisp, Spring Byington, Marion Clayton, Eddie Quilam e numerosos coadjuvantes.

Cine-Critica do LEITOR

O CINEMA BRASILEIRO

Escreveu — **Ten. Aldir Madeira de Mattos**

Essa mania de dizer, que o nosso cinema não presta, não vai para a frente, e por mais incrível que pareça, «que nem para encher páginas serve», tal como cita o leitor, R. Cruz de Rezende, — tais afirmativas, e muito principalmente, a última, não sei mesmo, como qualificá-las. (Leiam «A Cena Muda» n.º 34, de 22-VIII-52, seção «Ciranda Cirandinha», n.º 4). Dizer, como disse aquêle leitor, que «A Cena Muda» deve manter em suas páginas as seções de rádio e extinguir tudo o que disser respeito ao cinema nacional «que nem para encher páginas serve», — dizer um absurdo dêsses, — só um surdo pode aceitar porque não escuta, só um mudo deixa de responder porque não fala, só um cego deixa de ler porque não vê, só um louco concordaria porque não pensa, e só mesmo um «morto» aceitaria tudo o que se dissesse, porque não vive. Mas eu que ainda vivo (graças a Deus), que não sou surdo e nem mudo e nem cego e nem louco, — ouço e falo, enxergo e penso, — eu !, — meu prezado leitor ! — comigo não ! a coisa é bem diferente. Respondo, pois, ao Sr. Cruz de Rezende e bem assim, aos que com êle se solidarizam, porque, muito embora não sendo um profissional da imprensa e da crítica, sou apenas um mero amador e um simples calouro em assuntos de cinema, mas uma calouro de sentimentos, que amando a «sétima arte», ama também, o seu cinema, o nosso cinema brasileiro. Se o Sr. Cruz de Rezende, fizesse a sua afirmativa, há umas dezenas de anos atrás, talvez que ela merecesse algum crédito, mas hoje, em plena «era atômica», sair em público e vir dizer de peito aberto, que o cinema nacional «nem para encher páginas serve», — francamente, isto já é demais ! — é uma afronta e afronta que vai de encontro a realidade ! Eu bem poderia mostrar ao Sr. Rezende, o que foi, o que é, e o que será o «cinema brasileiro» o meu cinema, o nosso cinema ! — mas ocuparia, no mínimo, uma «Cena Muda» inteira e mesmo assim, talvez que ainda não o satistizesse... porque a teimosia é um fato ! De qualquer forma, no entanto, eu o faria e levaria tempo é verdade, mas como afirmativas de tal calibre, exigem respostas imediatas, basta-me essa «Cine-Crítica do Leitor», que me satisfaz perfeitamente. Meu amigo Sr. Rezende, não vá se zangar, porque afinal de contas, «da discussão nasce a luz»... muito embora não estejamos discutindo e sim, eu, fomentando de minha parte, um intercâmbio dentro do mesmo assunto e intercâmbio êsse, que contraria o seu modo de pensar... com respeito ao nosso cinema. A coisa é bem simples e não tem mistérios; não se trata de nenhuma «teoria de relatividade». A diferença que há, que aliás é grande, é que o senhor, diz que o cinema brasileiro não presta e eu digo, justamente o contrário: que êle presta ! que é digno ! e que está sendo conduzido para muito alto! E para tirar as dúvidas (não de minha parte), faça uma enquete e verá, que a minoria ficará do seu lado, enquanto que eu contarei com a maioria ! E num caso dêsse, qual será a certa: a minoria, ou a maioria ? Não quererá o senhor dizer, que a minoria será a certa, e que a opinião e o gôsto da maioria, será o errado, não é verdade? Aliás, o cronista Renato de Alencar, já lhe explicou, respondendo muito bem, que, o filme brasileiro, quando exibido em certos cinemas do interior, e até mesmo em muitos do Rio, perde muito do seu valor, em face dos defeitos na aparelhagem de projeção. E quem sabe lá, Sr. Rezende, se os cinemas de sua cidade, não possuem milhões de defeitos, na aparelhagem de projeção? ... além de operadores incompetentes, etc. O senhor já averiguou? Olha que é bem capaz de ser isso! O senhor vai me perdoar, meu caro Sr. Cruz de Rezende, mas talvez, os cinemas de sua cidade, é que não prestam!, e não os filmes brasileiros, dêstes últimos tempos. O que acontece, é que essa sua má vontade para com o nosso cinema, não é apenas individual, porquanto já se tornou coletiva e um mal característico que acompanha o público brasileiro, já não é de hoje! E essa má vontade, se expande de tal modo, que certas criaturas chegam ao cúmulo de difamarem as nossas produções, antes mesmo, de assistir a elas! E' um absurdo, mas é a verdade! E ademais, meu caro Senhor Cruz de Rezende, se o senhor acha, que é privilégio do cinema brasileiro, produzir «abacaxis», permita-me que lhe diga, que êsse privilégio, pertence,

(Cont. na pág. 34)



Três veteranos do cinema nacional, Grande Otelo, Lewgoy e Coló, reunidos em «Carnaval da Atlântida», a próxima produção da Atlântida

Rádio Cena





Na loja de modas Ângela Maria escolhe os trajes para a futura Rainha!

AFIRMA ÂNGELA MARIA:

"TUDO FAREI PARA SER A RAINHA DO RÁDIO"



FALA À "CENA MUDA" A QUERIDA ESTRÊLA DA RÁDIO MAYRINK VEIGA — RECONHEÇO SER O PÁREO DIFÍCIL MAS NÃO DESANIMAREI — COM A AJUDA DOS MEUS FÃS PODEREI SENTAR NO TRÔNO DE SOBERANA DO RÁDIO, DECLAROU A MORENINHA DA MAYRINK — POR ENQUANTO TUDO VAI BEM OBRIGADO!

Reportagem de **FERNANDO LOPES**
Fotos de **JAICLAIR** e **NEWTON VIANA**

O concurso para a escolha da Rainha do Rádio de 1953, já agora em grande agitação, vem empolgando o mundo radiofônico da Capital da República e de vários Estados que estão concorrendo no sensacional certame promovido pela Associação Brasileira de Rádio, a fim de concretizar o sonho de todos os radialistas, que é a construção do Hospital do Radialista.

Neste ano concorrem ao cetro máximo cantoras de popularidade indiscutível como Emilinha Borba, apoiada pela Nacional do Rio e São Paulo; Marly Sorel candidata das Rádios Cruzeiro do Sul e Continental; Haidée Miranda pelas Associadas; Lecy Bastos pelas emissoras oficiais; Rogéria pelas Rádios Globo, Mauá e Guanabara é finalmente a graciosa e talentosa Ângela Maria apresentada pela Mayrink Veiga.

A moreninha cantora da emissora de Gilson Amado, inegavelmente uma das mais positivas revelações do rádio brasileiro no ano de 52 vem de conseguir a sua indicação para concorrer ao sensacional pleito para a escolha da substituta de Mary Gonçalves, cujo reinado terminará em fevereiro do próximo ano.

Apesar de ter aparecido no rádio há pouco tempo, Ângela Maria, graças a suavidade de sua voz e fidelidade na interpretação conseguiu firmar-se definitivamente no cerário radiofônico brasileiro, como um dos seus mais expressivos expoentes. E não foi sem razão que os dirigentes da simpática emissora a escolheram para concorrer no concurso da Rainha do Rádio.

Atuando em Rádio, Boite e Cinema, onde sempre colhe os mais entusiásticos aplausos, Ângela Maria se apresenta com grandes possibilidades de con-

A candidata precisa aparecer bonita e bem trajada frente aos seus admiradores. E disto não se esquece Ângela Maria que no flagrante acima aparece comprando um bonito par de sapatos

seguir a vitória, estando para isso efetuando uma grande campanha eleitoral, dando festivais e tomando parte em shows cujas rendas revertam em benefício da sua candidatura.

A nossa reportagem estêve há poucos dias em conversa com a querida estrêla colhendo as suas impressões sob o grande certame. Entre um gesto de amabilidade e um sorriso franco Ângela externou a sua satisfação em poder concorrer ao pleito de 53, cooperando de maneira direta para a construção do Hospital do Radialista.

A criadora de «Não tenho você» afirmou que reconhece ser difícil a batalha, uma vez que as outras concorrentes também gozam de simpatias gerais no seio do mundo radiofônico, mas que não desanimará e tudo procurará fazer a fim de corresponder a confiança que lhe foi depositada pelos dirigentes da emissora e agradecer a preferência dos seus milhares de admiradores que a estão apoiando, na medida do possível, enviando votos para a sua eleição.

AINDA É CEDO !

«Ainda é cedo para prognosticar qualquer resultado» — assim começou a querida estrêla a sua ligeira entrevista com o repórter. Reconheço que outras candidatas, como eu, estão procurando patrocinadores. Isto no entanto só pode servir de estímulo, pois assim quem lucrará será o radialista pois verá, dentro de pouco tempo construido o seu Hospital. Não tenho em mente ser eleita Rainha. Não. Procurarei tão sòmente trabalhar e isto farei sem desfalecimentos, pois se assim não desejasse agir, seria mais honesto não ter aceito a minha candidatura.

OS FÃS SEMPRE AJUDAM

Ângela Maria não se esqueceu dos seus admiradores e afirmou que êles, dentro de suas possibilidades sempre ajudam, enviando-lhes votos não só para a Mayrink como também para a sede da A. B. R. A êles devo tudo e por êles procurarei tudo fazer para conseguir uma votação expressiva, ou quem sabe, a vitória final.

ATÉ DORMINDO EU PENSO !

Já estou emagrecendo — continuou a graciosa estrelinha. Vocês precisavam ver o estado de nervos que se apoderou de mim e creio mesmo que das outras colegas também. Penso durante todo o dia no concurso, procurando uma maneira de conseguir mais votos e fazer bonita figura no concurso. É verdade que até agora não tenho nenhuma firma comercial decididamente me apoiando. Entretanto os entendimentos estão bastante adiantados e espero conseguir um patrocinador, pois assim será mais fácil conseguir a coroa real. De qualquer maneira estou satisfeita em ser candidata e mesmo se não conseguir substituir Mary Gonçalves ficarei satisfeita, pois as minhas queridas adversárias (adversárias sòmente no concurso pois somos tôdas amigas) também merecem o trono, não só pelas suas qualidades artísticas como também pelas suas virtudes de coração. São ótimas colegas e boas amigas, motivo porque tenho certeza que o concurso transcorrerá num ambiente de franca cordialidade congraçando tôdas as emissoras em tôrno de um ideal que é o apanágio do nosso pleito. Devemos nos empregar a fundo, para que possamos ver, num futuro bem próximo concretizado o nosso sonho: o Hospital do Radialista.

Por fim Ângela Maria pediu ao repórter que externasse, por intermédio da Cena Muda os seus sinceros agradecimentos a todos aquêles que a vem apoiando nesse pleito na certeza de que ela procurará corresponder sempre a preferência.

Estava na hora do ensaio e deixamos Ângela Maria sòzinha para aprontar mais um brilhante número do seu querido repertório, desejando-lhe sucesso no grande pleito para a escolha da Rainh do Rádio de 1953.



No Natal Ângela Maria comprou brinquedos para a sua herdeira e acabou comprando a árvore de Natal

A filhinha de Ângela Maria parece desejar continuar a carreira da querida mãe e a observa respondendo as suas fãs



Décio Luís, o correto locutor do «Galo», o jornal falado da Tupi

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Hélio Tys, diretor artístico da Emissora de Piratininga, que vem aparecendo como uma das primeiras estações paulistas, estêve alguns dias no Rio, em visita aos seus antigos colegas.

★

Consta que Domingos Araújo, da equipe de esportes da Tupi, recebeu interessante proposta da Rádio Mayrink Veiga.

★

Além de diretor artístico, Júlio de Queiroz é agora, também, diretor de divulgação da Rádio Eldorado.

★

O programa «Pampa Alegre», estrelado por Pedro Raimundo, está sendo apresentado pela Tamoio em novo horário, o das 20 h. e 5m., das quartas-feiras.

★

Max Nunes, ao circular esta edição de A CENA, já deve ter firmado contrato com a Rádio Tupi, que pagou 100 mil cruzeiros à Rádio Nacional pela rescisão do contrato do conhecido produtor. Segundo fomos informados, o salário de Max na G-3 será de 60 mil cruzeiros mensais.

★

Fernando Chateaubriand demitiu-se das funções de dirigente máximo da Televisão Tupi, em face de um desentendimento com o superintendente das Associadas Cariocas.

★

Em face de uma portaria do Juiz de Menores, a cantora Dóris Monteiro, que vinha se apresentando com geral agrado no Copacabana Pálace (doze mil cruzeiros mensais), deixará de atuar em «boites». Sua substituta, ao que tudo indica, ser outra estrêla da Tupi — Elisete Cardoso.

★

Além da Rádio Nacional, Luiz Gonzaga também se apresentará uma vez por semana (quartas-feiras, às 20,30 horas) na Rádio Mayrink Veiga.

★

A Rádio Ministério da Educação está apresentando um curso para locutores, professôres e artistas de teatro.

★

O escritor Otto Schneider pediu demissão do cargo de diretor artístico da Rádio Globo. Fala-se que o seu substituto será Henilcio Fróis.

Na última apuração do pleito para a escolha da nova «Rainha do Rádio» (30-XII-52), classificou-se em primeiro lugar Marly Sorel, candidata da Emissora Continental, com pouco mais de 13 mil votos.

PONTOS de VISTA

— Amigo! Se quiser ficar a par do que ocorre no Brasil e no mundo desligue o seu receptor. O noticiário radiofônico, ùltimamente, está tão confuso que não se entende mais nada". — **José Machado.**

★

— "Tôdas as emissoras deveriam imitar a caçula das estações, a Rádio Eldorado, que sabe apresentar os seus anúncios comerciais. A ZYZ-22 triunfará com esta maneira de fazer propagandas, porque não cansa o ouvinte e ao mesmo tempo diverte, em razão dos interessantes "jingles" comerciais". — **Aldrighi.**

★

— "Ao fundar a Rádio Sociedade, Henrique Morize servia ao mais puro ideal de educação e cultura. Seu nome há de figurar sempre, com relêvo, na história do rádio brasileiro". — **Mag.**

— "O término do ano de 1952, bem que poderia assinalar o fim dos lamentáveis concursos de "Feira de Amostras". Nesse sentido, Caspary devia tomar providências". — **Tevente.**

DISSE-ME-DISSE

A maioria dos elementos da seção de esportes da Tupi não gostou de saber que o Wolner Camargo foi contratado com 20 mil cruzeiros mensais. Todos os ex-comandados de Rebelo Júnior são unânimes em afirmar que o Domingos Araújo, que há muito vem brilhando na G-3, faria o trabalho melhor do que o Wolner pela metade do salário dêste.

★

Como vocês devem saber, há uma revista que está realizando um concurso para escolher os principais elementos de diversos setores do rádio. Segundo fui informado, há um que se intitula novelista — que está adquirindo quase as edições completas da referida publicação para votar em si mesmo...

★

Um produtor que recentemente se transferiu para o rádio bandeirante, ficou devendo a diversas pessoas, apesar de ganhar muito dinheiro como fabricante de programas. Há uma verdadeira fila à espera dêle, para receber contas e vales atrasadíssimos... (Em tempo: êsse produtor era da Tupi).

★

Como vocês sabem muito bem, Paquito e Romeu Gentil sabem como trabalhar suas melodias, principalmente quando elas começam, a apontar como vencedoras, cômo aconteceu com a "Marcha do Conselho". Pois bem, há dias, após percorrerem tôdas as lojas de discos desta capital e constatarem que a sua composição era uma das primeiras colocadas na preferência dos discófilos, êles foram à presença do César de Alencar, a fim de saber por que a "Marcha do Conselho" não figurava na "Parada de sucessos" do programa daquele animador. Sabem o que é que o 'Cavalete" lhes disse, à guisa de justificação? Apenas isto:

— Eu sei, de acôrdo com os meus observadores, que a "Marcha do Conselho" é uma das composições carnavalescas mais vendidas. Mas resolvi não incluí-la no meu programa porque preciso puxar a brasa para a sardinha do pessoal da Nacional.

(Em tempo: Roberto Paiva, da Rádio Tupi, foi quem gravou a marchinha de Paquito e Romeu Gentil).

VALE A PENA SABER

Paulo Gracindo recebeu de um admirador cego, uma carta em alfabeto Braile.

★

Renato Murce foi cantor sertanejo, tendo sido considerado "O príncipe dos cantores brasileiros", num concurso promovido por um matutino carioca.

★

O programa "Sambas e outras coisas" foi fundado em 10 de maio de 1935 pelos irmãos Henrique, Marília e Renato Batista e o saudoso Noel Rosa, sendo irradiado pela primeira vez na extinta Cajuti.

★

Norka Smith ingressou no rádio porque sua família não lhe deu consentimento para dedicar-se ao teatro.

★

O novelista religioso, Anselmo Domingos, começou em Rádio fazendo um jornalzinho humorístico, na antiga Ipanema.

★

Grande Otelo é mineiro de nascimento. Viu a luz do dia pela primeira vez na cidade de Uberlândia, no ano de 1915, embora não pareça.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 64? — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



EIS MARLENE E LUÍS DELFINO numa das mais hilariantes cenas de «Depois do casamento». O desempenho correto da festejada cantora talvez lhe valha u'a medalha de ouro

COGITA A "ABCT" DE CONCEDER A

MEDALHA de OURO PARA MARLENE

DE DACTILÓGRAFA À ESTRÊLA DE "BOITES" — FOI, EM 52, A ATRIZ MAIS BEM PAGA DO TEATRO DE COMÉDIA — QUER REINICIAR AS ATIVIDADES TEATRAIS EM MARÇO, MAS AINDA NÃO CONSEGUIU CASA DE ESPETÁCULOS — REVELAÇÕES DA MAIOR REVELAÇÃO TEATRAL DO ANO QUE PASSOU

Reportagem de M.S.

O nome de Marlene é, hoje em dia, sinônimo de sucesso. Dona de um talento versátil, sabendo transformar em êxito digno de nota qualquer papel ou composição que interprete. ela é apontada, hoje em dia, como uma das maiores estrêlas do rádio, do cinema e do teatro brasileiros.

Tendo começado como "lady-crooner" de pequenos conjuntos de "boite", após exercer durante muito tempo a modesta função de dactilógrafa dos escritórios do Hotel Quitandinha, a sra. Vitória Bonaiuti (êste o seu nome verdadeiro), ràpidamente granjeou enorme simpatia do público para o seu nome. Depois de atuar em inúmeros cassinos e casas de diversões noturnas, tentou o seu ingresso no rádio, como intérprete de sambas brejeiros. No princípio — a verdade manda que se diga — lutou denodadamente para remover os obstáculos que se antepunham à sua carreira radiofônica. Mas depois de gravar o seu primeiro disco ("Coitadinho do papai", com os Vocalistas Tropicais), que obteve grande sucesso num dos nossos carnavais, foi de vento em pôpa. Finalmente, quando ingressou na Rádio Nacional e começou a aparecer destacadamente nos programas de auditório dessa emissora, tomou conta de grande parte do público ouvinte e passou a ser saudada como uma das maiores sambistas do "broadcasting" verde e amarelo.

★

Após triunfar na radiofonia, Marlene emprestou a sua colaboração a diversas películas do cinema brasileiro, apenas como cantora. Sòmente no ano transato surgiu como estrêla, interpretando o principal papel feminino de "Tudo Azul", comédia musicada da Flama, ao lado de Luís Delfino (seu espôso). Sôbre o grande sucesso alcançado por essa película, nada mais precisaremos dizer, pois ainda são bem recentes as entusiásticas manifestações da crítica e do público sôbre o seu desempenho correto.



WANDA LACERDA, espôsa de Mário Brasini (ensaiador da companhia), coadjuvou com brilhantismo a querida Marlene em sua estréia no teatro de comédia



ESTA CENA da comédia que bateu verdadeiros recordes de bilheteria no Teatro Regina, consagraria qualquer atriz. Embora estreante, Marlene atuou com a segurança de uma veterana



— Para ser uma artista completa — disse Marlene ao repórter — faltava tentar o teatro. E foi isso que fiz, logo em seguida ao meu casamento.

★

Depois das suas núpcias com Luis Delfino, a popular criadora de "Zé Marmita", resolveu estrelar o elenco da emprêsa fundada pelo espôso. Com aquêle carinho que põe em tôdas as suas tarefas, dedicou-se de corpo e alma ao papel que lhe foi destinado e, ensaiada rigorosamente pelo competente Mário Brasini, brilhou em tôda a linha na comédia "Depois do casamento", cuja carreira triunfal foi encerrada no último dia do mês transato no Teatro Regina.

Além do sucesso artístico do "debut" de Marlene no palco, vale ressaltar que "Depois do casamento", nos primeiros trinta dias de cartaz, produziu 360 mil cruzeiros, o que significa autêntico sucesso de bilheteria. Por isso, não será surprêsa afirmar-se que a exclusiva da Nacional recebia o maior ordenado do teatro de comédia: 30 mil cruzeiros mensais. Embora o empresário fôsse seu próprio marido, o ator Luis Delfino, todos os dias 1º e 15 de cada mês, o Assunção, diretor-comercial da Emprêsa lhe entregava um envelope com 15 mil cruzeiros quinzenais.

★

Agora, após a lufa-lufa de rádio e teatro, Marlene resolveu tirar merecidas férias e vem descansando numa casa de saúde.

— Você sabe — explica a cantora ao repórter — o carnaval está ai e preciso trabalhar um pouco as minhas músicas, embora algumas já estejam apontando como vencedoras.

E, depois de uma pausa em que atendeu um telefonema de sua mãe:

— Após o reinado de Momo, terei que iniciar uma nova temporada teatral. Assim, preciso recuperar tôdas as energias para não morrer de cansaço.

Luis Delfino, ao lado, confirma as palavras da espôsa com um leve menear de cabeça.

— Qual será a próxima comédia que você interpretará, Marlene?

— Ainda não decidimos nada a respeito. Temos várias peças em estudos, porém, ainda não nos decidimos por nenhuma delas. Sabe por que?

E foi a própria entrevistada que respondeu à pergunta:

— Ainda não temos teatro!

O repórter fêz uma cara de quem não acreditava na coisa. E Luis Delfino veio em socorro da espôsa:

— E' verdade o que ela disse. Até o momento não conseguimos uma casa de espetáculos para reiniciarmos nossas atividades teatrais. E como as peças que estamos estudando não podem ser encenadas em qualquer palco, temos, primeiro, que possuir o teatro, para, depois, escolher a comédia.

Após o esclarecimento do marido, Marlene tomou a palavra:

— Mas fique certo que, de qualquer modo, não deixaremos de voltar à ribalta no mês de março, para, se Deus quiser, repetir o sucesso de «Depois da casamento".

Com esta declaração da festejada cantora "doublé" de atriz, encerramos a nossa palestra.

★

Quando êsse trabalho já se encontrava quase pronto, uma notícia bastante alvissareira para Marlene e seus admiradores chegou ao nosso conhecimento: um grupo de críticos filiado à Associação Brasileira de Críticos Teatrais estava cogitando de conceder a medalha de ouro para a maior revelação teatral do ano de 52 à talentosa estrêla. Caso se confirme a notícia, a crônica especializada terá acertado em cheio na sua decisão e a querida artista terá os seus esforços coroados de êxito.

←

EM MARÇO VINDOURO, caso arranje uma casa de espetáculos, Marlene prosseguirá atuando na ribalta. Se repetir a «performance» de «Depois do casamento», seu nome estará firmado como comediante



O GRANDE ACONTECIMENTO radiofônico do ano de 52 foi, sem dúvida, a morte de Francisco Alves. O povo chorou a morte do seu seresteiro e quase duzentas mil pessoas levaram os seus despojos ao Cemitério de São João Batista

O RÁDIO EM 1952

LUTO e TRANSFERÊNCIAS SENSACIONAIS no SEGUNDO SEMESTRE

MODIFICAÇÃO NA DIREÇÃO DAS ASSOCIADAS E DA CLUBE — MUITOS MUDARAM DE POUSO E OUTROS VOLTARAM AO NINHO ANTIGO — DUAS BAIXAS NO MUNDO RADIOFÔNICO: FRANCISCO ALVES E CARLOS MEDINA — SEIS MESES QUE DERAM OUTRA FEIÇÃO AO RÁDIO CARIOCA

Texto de MILTON SALLES

Embora algumas pessoas tenham afirmado que o ano passado foi pobre para o nosso rádio, a resenha que estamos fazendo dos principais acontecimentos ao «broadcasting» carioca, em 52, prova justamente o contrário. Vejamos, pois, o que de mais interessante sucedeu no segundo semestre do ano findo.

JULHO

A Orquestra Tabajara, Ademilde Fonseca, Pato Prêto, Elisete Cardoso, Zé Gonzaga e Jamelão anunciavam sua ida a Paris, para mostrar aos franceses como se dança o xaxado e o baião. — Joel e Gaúcho e o novato Carlos Augusto firmavam contrato com a Rádio Nacional. — Santos Garcia ingressava na Rádio Guanabara. — Fernando Tude de Souza anunciava que a televisão da Roquete Pinto funcionaria em março de 53. — Sob a regência de Eleazar de Carvalho, a Orquestra Sinfônica Brasileira iniciava uma série de recitais na Rádio Tupi. — Manoel Jorge voltava à Emissora Continental, após delicada intervenção cirúrgica. — «Baião caçula», de Mário Genari Filho, começava a fazer grande sucesso. — Ninguém dava bola a uma estatística do IBOPE, que afirmava que o Rio possuía apenas 480 mil receptores... — Luiz Gonzaga apresentava «seu» Januário (seu pai) e Maria do Socorro, Chica, Severino e Aluízio (seus irmãos), em suas audições nas Associadas. — Almirante anunciava o seu ingresso na Rádio Clube. — Assumia (por pouco tempo) a direção comercial da Rádio Globo o Sr. Murilo Pereira Reis. — «Regra de três», programa de Antônio Maria, era novo lançamento da Rádio Mayrink Veiga. — Mais um contratado da Rádio Nacional: Avena de Castro, executante de cítara. — Trocavam a Sínter pela Victor; César de Alencar, Heleninha Costa e Os Cariocas. — A Rádio Jornal do Brasil divulgava uma notícia interessante: a inauguração do seu novo transmissor de 50 kws. estava mais próxima do que muita gente esperava. — Corre-corre dos animadores: o Juiz de Menores baixava portaria regulando o ingresso de menores no auditório das emissoras. — Mais um desafio de Francisco Alves: «Os filhos de D. Perpétua não são meus» — Kurt Leonard e Urbano Lóis assinavam contrato com a Rádio Cruzeiro do Sul. Diziam que a



NORA NEY ganhou, no segundo semestre do ano findo, uma popularidade a jato, em face de ter tentado o suicídio obrigada pelo marido (como afirmou na ocasião)



LUÍS GONZAGA trouxe o famoso «seu» Januário do agreste pernambucano e o apresentou, ao lado de seus irmãos, em grandes programas nas Rádios Tupi e Tamoio. O Rio nunca viu tantos sanfoneiros juntos.

ficaria em 29 milhões, 344 mil e 310 cruzeiros. — Paulo Gesta era contratado pela Eldorado para ocupar o lugar de João Assaf. — Lita Romani era a nova aquisição da Rádio Globo. — Jorge da Silva «locutor) deixava a Guanabara e voltava à Jornal do Brasil. — Ronaldo Magalhães e De Carambola reformavam contrato com a Tamoio. — Idala Barros ingressava na Mayrink. — Odete Amaral trocava a Clube pela Tupi. Bom negócio para a G-3. — A Rádio Mauá prometia inaugurar a sua programação noturna, com grandes atrações. Até hoje estamos esperando... — Gregório Barrios na Rádio Clube. — Nora Ney também na Rádio Mayrink Veiga. — O locutor João Ricardo deixava a Globo e passava-se para a Jornal do Brasil. — Alziro Zarur assumia as funções de diretor dos jornais falados na Rádio Eldorado. — E Marlene e Luiz Delfino contraíam núpcias, na igreja do Outeiro da Glória. Os fãs acorriam de todos os pontos da cidade.

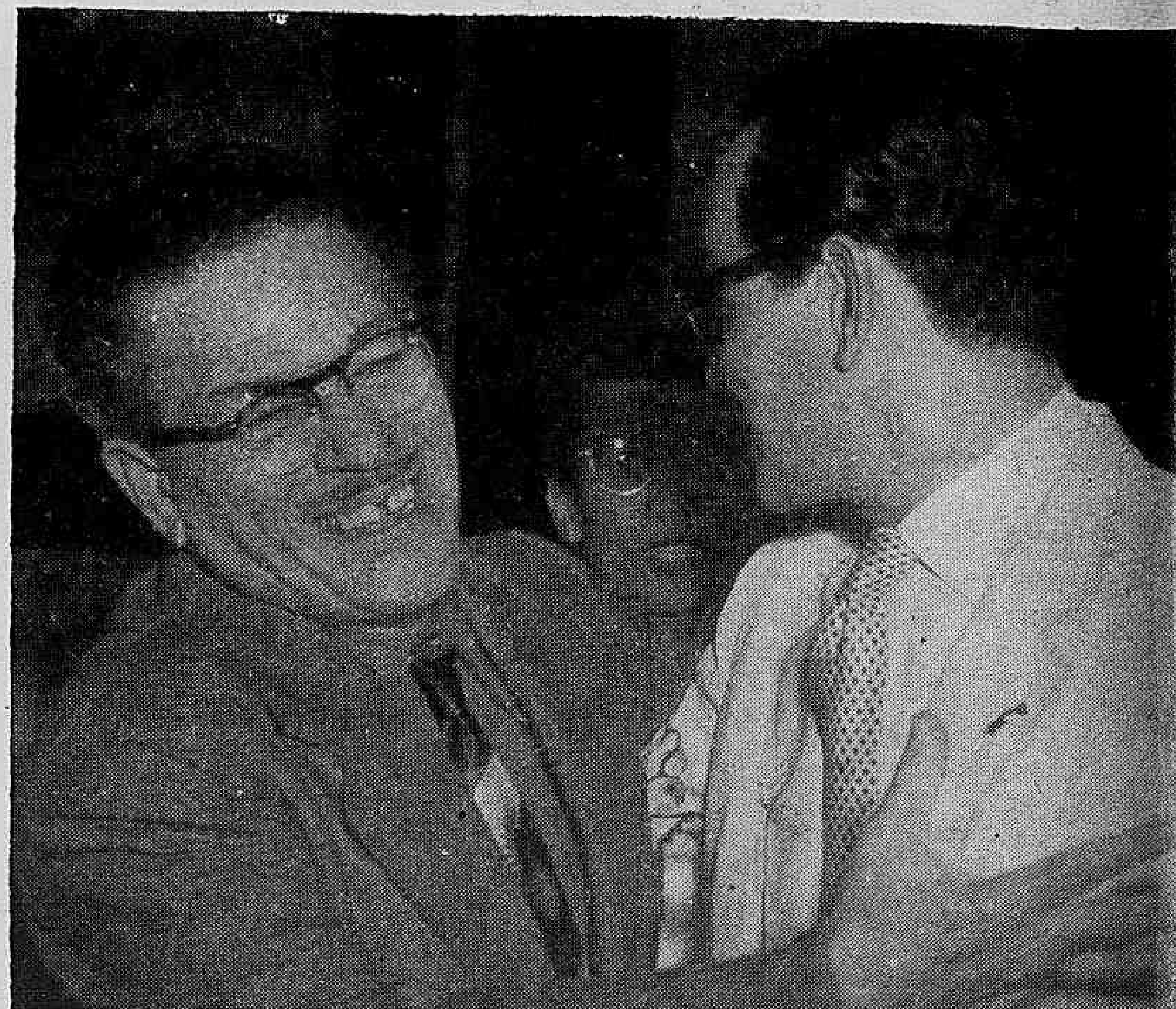
AGÔSTO

Sucesso da caravana das Associadas em Paris. — Estreava na Cruzeiro do Sul a «Conversa em família» de Urbano Lóis e Kurt Leonard. — «Kalú», a gravação mais recente de Dalva de Oliveira, começava a chatear. — Regressava da Europa a novelista Sílvia Autuori. — Mais um livro de poesias lançado por Oranice Franco, redator da Nacional. Sucesso de livraria. — Ary Cordovil (cantor) era contratado pela Mayrink. — «Casa da Poesia», era o título de um programa de Sadi Cabral lançado pela Rádio Globo. — Déa Camargo anunciava o seu casamento. — Oldemar Brandão, seresteiro do estilo de Caymmi, era contratado pela Clube. — Sérgio Pôrto, que metia a ripa nas histórias seriadas, escrevia uma para a Rádio Globo. Título: «A Rosinha do Sobrado»... — Roberto Faissal fracassava na Mayrink vivendo o «sarjo» das «Aventuras do Recruta 23». — Nora Ney punha a bôca no mundo para dizer que quase fôra assassinada pelo marido. — Rubens Amaral deixava a direção artística da Globo. — Muita gente ficava assanhada com a notícia de que Roberto Inglês viria ao Rio. — Nelson Fonseca firmava contrato com a Tupi. — Gilberto Martins, finalmente, deixava a Rádio Eldorado. Em seu lugar, ficava o enxundioso produtor Júlio G. Atlas. — Bill Farr e Mary Gonçalves diziam — diziam apenas, leram bem? — que tinham desfeito o noivado. — Walter Forster deixava o departamento de teatro cego da Tupi e voltava para São Paulo. — A Tamoio contratava o sanfoneiro Pedro Raimundo. — Por seu lado, Ênio Santos deixava a B-7 e passava-se para a Mayrink Veiga. — Onéssimo Gomes na Mayrink. — A violonista e

«Conversa em família» seria a primeira grande atração da D-2... — Corria um boato cacête de que Normando Lopes teria pedido Linda Batista em casamento... — A Rádio Guanabara, aproveitando a inauguração do seu novo transmissor, oferecia uma feijoada à crônica especializada. — Antônio Maria suava em bicas participando dos «shows» do «Night and Day». — Roberto Figueiredo, jovem locutor surgido em «Calouros em desfile», era contratado pela Tupi. — José Mauro era contratado pela Eldorado. — Joaquim Pereira, tenor português, apresentava-se na Mayrink. A colônia gostava. — Jaime Moreir Filho (como se esperava) deixava a Rádio Jornal do Brasil, que reclamava, em juízo, a exclusividade nas transmissões das corridas do Jockey Club. — Joana D'Arc (muita carne e pouco osso) era contratada pela Tupi. — A Mauá anunciava a próxima instalação das suas ondas curtas. — A A. B. R. noticiava que o Hospital dos Radialistas



COM A MUDANÇA de direção da Rádio Clube, muita gente deixou a PRA-3. Entre êsses Aérton Perlingeiro, que se transferiu para a Tupi



FÉLIX CAIGNET, o felizardo autor de «O direito de nascer» estêve em visita ao Rio e foi alvo de grandes homenagens da Nacional e da Tamoio



UMA CARAVANA de astros das Associadas Cariocas foi a Paris, difundindo amplamente o baião e o xaxado, ritmos que os europeus desconheciam

cantora Solange Brasil ingressava na Nacional. — Braga Filho deixava o departamento de divulgação da Clube. — Aloísio Silva Araujo entrava em negociações co ma Tupi e, à última hora, desfazia tudo... — Emilinha reformava seu contrato com a Nacional. — Brício de Abreu (presidente), Miguel Curi (secretário) e Ari Vizeu (tesoureiro) eram os novos diretores da Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos. — Incêndio na Rádio Relógio Federal e Rádio Eldorado. D. Ana Khoury chorava copiosamente. — Dick Farney regressava de Buenos Aires. — Mary Gonçalves anunciava que iria a Paris. Mais tarde, desmentiria. — Normando Lopes desenvolvia grande atividade à testa do Sindicato dos Radialistas, batalhando pelo aumento dos trabalhadores em emissoras. — Osvaldo Luiz fazia uma experiência como animador da «Seqüência G-3». — José Duba queria trocar a Cruzeiro pela Guanabara, mas ficava mesmo na primeira. — Fernando Garcia, Aurélio Teixeira, Hamilton Santos e a dupla D. Morais e Doquinha renovavam contrato com a Tamoio. — Armando Louzada regressava de São Paulo e assumia a direção artística da Mayrink. — A Rádio Globo entrava no sistema de mais música e menos anúncio.



MARQUES REBELO, conhecido romancista, assumiu a direção da Rádio Clube e modificou radicalmente a linha de programação da PRA-3

SETEMBRO

Dalva de Oliveira regressava da Europa coberta de glórias, como afirmou um cronista entusiasmado com o seu sucesso no Velho Mundo. — O locutor Gastão do Rêgo Monteiro, da Rádio Record de São Paulo, recebia uma grande herança. — A Rádio Tamoio lançava a novela de Felix Caignet, «Os que não devem nascer», com Hamilton Pacheco, Hilda Barros, Dandréia Neto e Vitória Brasil nos papéis centrais. — Heraldo Tavares assumia as funções de diretor de publicidade da Rádio Eldorado — Paulo Pôrto era o novo diretor do rádio-teatro da Tupi. — Grandes comemorações realizadas na Quinta da Boa Vista assinalavam a passagem do Dia do Rádio. — Manoel Barcelos renovava seu contrato com a Nacional pelo prazo de dois anos. — Também a cantora Belinha Silva fazia o mesmo. — Seguia para os Estados Unidos o Sr. Fernando Tude de Souza, diretor da Rádio Roquete Pinto. — Newton Teixeira ingressava na Rádio Nacional. — Carlos Galhardo partia para Portugal, integrando o elenco de uma companhia de revistas. — Jimmy Lester e Carmélia Alves eram contratados para filmar na Flama. — Reingressava na Nacional o trombonista Raul. — «Podia ser pior», crônica de Henrique Pongeti, passava a ser transmitida (Cont. na pá. 34)



O FAMOSO ROBERTO INGLÊS realizou uma temporada nas principais emissoras desta capital, atuando ao lado de Dalva de Oliveira e gravando com Dircinha Batista. Mas não conseguiu o sucesso que se esperava

Para Você Cantar

SENHOR CABRAL

Marcha de Pedro Caetano e Cláudia Sandoval, gravada por Joel e Gaúcho.

Oh! Senhor Cabral
Oh! Senhor Cabral
O que seria de nós
Sem o Carnaval?

Antigamente
Todo mundo descobria
Coisa gostosa
Sem pensar na carestia.
Mas hoje em dia
Tudo, tudo é diferente
E o "Seu" Cabral
Nesta terra não vivia.

MARCHA DO BÔBO

Marcha de Luís de França, Ubirajara Mendes e René Alexandre, gravada por Roberto Silva.

Pra que bôbo quer dinheiro?
Pra que bôbo quer mulher?
Pra que bôbo pede aumento,
Se o bôbo não sabe o que quer?

Bôbo é igual ao mico,
Se não fôsse o bôbo
Ninguém ficava rico.
No fundo o bôbo é boa praça
E o mundo sem o bôbo
Não tem graça.

TENHO RAZÃO

Samba de Erasmo Silva e Jamelão, gravado por Roberto Silva

Sim, ai... ai... ai...
Ela é que foi embora
O que é que eu faço agora?
Se ela não quer voltar.
Darei inteira liberdade;
Mas sei que a saudade
Irá me torturar.

Já resolvi o nosso caso de amor,
Não há mais solução.
Se ela pensar em voltar,
Já tenho um cadeado no portão
(Eu tenho razão)

ATÉ AMANHÃ

Samba de Francisco Matto e Carvalhinho, gravado por Vera Lúcia.

Até amanhã.
Eu hoje não posso ficar.
Até amanhã.
O samba mandou me chamar

Sei que vou chorar.
Vou chorar de dor
Quando me lembrar
Que deixei o meu amor.

MORENA PECADO

Marcha de Pereira Matos e Mário Rossi, gravada por Orlando Silva.

Quem diz que a tua côr não pega
Não sabe o que é o amor.
Quem ama como te amo
Sabe que o pecado
Tem a tua côr.

Não há mulher
Que tenha tanta beleza,
Não há mulher
Com tanta fascinação.
Em qualquer terreno
A morena de raça
Merece a consagração.

VOCÊ MENTIU

Samba de João de Barro, gravado por Jorge Goulart

Você mentiu
Dizendo que me amava.
Você mentiu
Pois não me tinha amor.
Depois mais tarde
Você mentiu que me odiava;
Pois de mentira
Nascera um grande amor.

E hoje chora,
Implorando um carinho meu.
Mas é tarde demais
Meu amor morreu.

MARCHA DA TOUCA

Marcha de Klecius Caldas e Armando Cavalcante

Eu êste ano vou sair de touca
Com uma chupeta na bôca
Eu não posso ver defunto novo
[sem chorar,
Eu não posso ver a mamadeira
[sem mamar.
Eu não posso ver uma morena
[requebrar
Sem tentar colaborar.

MEU PIERROT

Marcha de Pereira Matos, Airton Amorim e Bola Sete, gravada por Risadinha

Meu Pierrot,
Meu Pierrot,
Me empresta
A sua Colombina;
Porque a minha
O Arlequim levou.

O Arlequim
Ficou zangado,
Por ter brigado
Com a Colombina,
Por uma simples
Questão de amor
A fantasia êle rasgou.

MISTER ECO

Marcha de Manèzinho Araújo e Carvalinho, gravada pelo "Trio de Ouro", Nelson Gonçalves e César de Alencar

Mister eco... eco... eco
Me responda, por favor,
Onde é qui tá... tá... tá
Meu amô ô-ô... ô-ô?

Pra saber de um amor que é
[meu,
Perguntei em plena rua,
Mister eco zangado respondeu:
E' a sua... sua... sua...

VOLTA

Samba de Mary Monteiro e Leda Sá, gravado por Roberto Luna

Volta... Volta
Que ainda terás o meu perdão.
Volta que a tua Saudade
Ainda permanece
Dentro do meu coração
Se tu me tens amizade,
Porque me fazes sofrer?
Deixa de lado a vaidade
E vem comigo viver.

VAI SAUDADE

Samba de Irany de Oliveira e Ary Monteiro, gravado por Léo Villar

Vai, vai saudade
Me deixe viver sossegado
Vai, vai saudade
Há tanto tempo você vive ao meu
[lado
Vai, vai me deixe em paz
Por favor, não volte nunca mais.

Eu implorei ao meu amor para
[ficar
Não foi capaz. Não foi capaz,
Deixou você saudade
Morando em nosso quarto,
Mas com sinceridade
De você já estou farto.

VIROU CABEÇA

Samba de Cláudia Sandoval, gravado por Joel e Gaúcho

Ai, quero ver,
Quero ver quem pode
Com essa mulher,
Ela...

Era boa sim senhor,
Virou cabeça
Por causa de um novo amor
Breque: Ai, Ai...

Eu nunca senti
O que sinto agora,
Por um grande amor
Quem é que não chora.

CRIME DE AMOR

Samba de Newton Teixeira e Black-out, gravado por Linda Batista

Todo criminoso volta ao local
[do crime
E foi por isso que eu voltei.

Sofri, chorei;
Chorei porque não me conformei
Todo criminoso volta ao local
[do crime
E foi por isso que eu voltei

O meu crime é tão banal,
Não é um caso policial,
Eu voltei porque matei
A tua última ilusão
E agora de joelhos
Eu imploro o teu perdão.

VERDADEIRO AMOR

Samba de Humberto Teixeira e F. Godoi, gravado por Carmélia Alves

Um verdadeiro amor
Igual ao meu jamais encontrarás.
Outras bôcas sei que beijarás.
Mas... um verdadeiro amor
Igual ao meu jamais encontrarás.

Amor assim sincero e despren-
[dido
Igual ao meu não tem dois iguais
Vai, segue o teu caminho
E não me procures nunca mais
(Vai, me deixe em paz)

BAILE DE RICO

Batucada de Roberto Martins e Arnaldo Passos, gravada por Léo Villar

Vai, vai, vai,
Vai sambar noutro lugar!
Que o baile de rico,
E' lá no primeiro andar!

Nossa festa é na rua,
Sambando no asfalto!
E você que é "bacana",
Dança e canta lá no alto!
Nossa orquestra é o "surdo"
Fazendo a marcação
E a gente se diverte,
Arrastando o pé no chão!

JORGE MISTRAL PASSOU FÉRIAS...

(Cont. da pág. 19)

e sensibilidade eslava. Ela reúne uma forte dose de espiritualismo que contrasta com um agudo sentido da vida material. Não sei se me faço entender, mas Irasema é uma mulher cerebral acima de tudo, representando, ao contrário, emana uma forte vibração espiritual. Finalmente, ao filmar "O Direito da Nascer" tive a sorte de ter ao meu lado essa grande atriz, Gloria Marin. Seu talento não tem limites. No teatro já fêz revistas, opereta, comédia ligeira, drama e tragédia. O que prova uma enorme experiência, vida interior e talento. No teatro e no cinema muito poucas atrizes se equiparam com a intérprete de Soror Helena!

— Mas, — perguntei a Jorge, já sabendo-o um ardente admirador do sexo frágil, qual a que é a mais feminina?

Jorge pensou um minuto e disse:

— Creio que até agora, Elsa Aguirre foi a mais bela mulher com quem já representei, mas ao chegar desta minha viagem ao México, filmarei com Maria Felix. Êste é um sonho que realizarei! Sempre fui um admirador desta linda mexicana. Faremos "Camelia", uma história romântica passada na Velha Califórnia.

Neste instante chegou a jovem sra. Mistral, uma linda mexicana, usando aquelas palavras do nosso entrevistado, trazendo no colo Jorge Mistral Júnior, que aliás vive Alberto Limonta quando pequenino, nas primeiras seqüências do filme "O Direito de Nascer". Atualmente Jorginho já está mais crescido, mais travêsso, portanto, e orgulhoso do carinho que lhe devota seu famoso pai. Dirigi, então, uma pergunta a sra. Mistral:

— Está gostando de viajar pela América do Sul?

— Sim, gostei principalmente de Lima e Rio, embora nestas duas cidades a nossa permanência tenha sido curta, pois em Buenos Aires nos demoramos mais de três meses enquanto Jorge filmava "O Conde Monte Cristo", uma custosa versão da obra de Dumas.

Em seguida o ilustre casal falou das viagens que já fizeram a Inglaterra, França, Itália, Portugal, Espanha e o norte africano, donde aliás filmou "Cancion de Amor en Marruecos" com Columba Dominguez e sob a direção de Emilio Fernandez e com fotos de Gabriel Figueroa.

Naquela terrace de Copacabana, diante do horizonte marinho, a nossa entrevista se prolongava indefinidamente. Jorge, mais uma vez exaltou as nossas belezas naturais e teve palavras tão vibrantes para com a mulher brasileira, que mais parecia um poeta lírico que um galã de cinema! Com um fino humor, Jorge disse para sua espôsa:

— Maria Cristina, tape seus ouvidos!

Diante de meu olhar surprêso Jorge acrescentou:

— Quero dizer que estou apaixonado por alguns milhões de brasileiras!

MALVINA — Um momento, padre Luís. (Ferina) — o assunto é particular, seá Raimunda...

PADRE LUÍS — Não, ela pode ficar...

MALVINA — Com licença, seá Raimunda...

RAIMUNDA — Está bem... a senhora quer que eu saia... Seu vigário, depois eu venho conversar com o senhor.

PADRE LUÍS (Severo) — D. Malvina... eu insisto em que ela fique!... O que vou dizer não é nenhum segrêdo.

RAIMUNDA (Vitoriosa) — Está vendo, d. Malvina?

MALVINA (Um muxôxo de pouco caso) — O que é, padre Luís?

PADRE LUÍS — Serei breve. D. Malvina... o Mendes estêve lá em casa ontem à noite. Estava muito preocupado... queixou-se das dificuldades... e achou que o melhor meio era sair daqui e ir tentar a vida noutro lugar.

MALVINA (Fria) — Já foi então, não é?

PADRE LUÍS — Já. Foi ontem mesmo.

MALVINA — Ah.

PADRE LUÍS (Surprêsa) — Interessante... eu pensei que a senhora fôsse receber esta notícia com uma... com uma certa preocupação...

MALVINA — Acha que eu devo me lastimar só porque o Mendes resolveu tomar uma atitude?

PADRE LUÍS (Sem jeito) — Bem... em todo caso...

RAIMUNDA (Explode) — Ela não tem sentimento não, seu vigário! O senhor não imagina o que ela fêz com a coitadinha da Maria Angélica!

MALVINA (Repreende) — Seá Raimunda!

RAIMUNDA — Falo! Falo mesmo! A coitadinha deve estar morrendo lá na despensa...

PADRE LUÍS — Hein?

RAIMUNDA — ... morrendo à míngua naquela despensa fria que mais parece de gêlo!

MALVINA (Feroz) — Seá Raimunda! Cale-se!

RAIMUNDA (Cresce) — Não me calo não! Eu tenho que falar... Olhe, seu vigário... ela fechou a menina lá desde ontem... e a pobrezinha deve estar passando fome e sêde... e morrendo de friagem!

MALVINA (Rápida) — Não creia nisso não, padre Luís... esta velha não sabe o que está dizendo!

PADRE LUÍS (Inflexível) — Fale, d. Raimunda.

RAIMUNDA — Uma ruindade, seu vigário... uma ruindade. A gente precisa tirar a menina de lá!

MALVINA — E' mentira, padre Luís!

RAIMUNDA — Pois está muito fácil da gente saber!... Leve o seu vigário lá na despensa e abra a porta!... Quero ver!...

MALVINA — Hum... desde quando eu obedeço às suas ordens?... Velha faladeira!

RAIMUNDA — Leve o seu vigário lá... Eu quero ver!...

PADRE LUÍS (Imperioso) — D. Malvina... como vigário desta paróquia... e como padrinho de Maria Angélica... eu exijo que aquela porta seja aberta imediatamente!...

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XIX

Fechada naquele cômodo frio e sem luz, Maria Angélica adormeceu com o organismo e o pensamento torturados pela sêde. Teve sonhos e pesadelos horríveis, nos quais via água em abundância. Eram cachoeiras, oceanos, e uma das visões lhe trouxe a figura de Jorge atormentando-a com copos de água que ela não podia beber. Acordou agoniada e febril, caindo na realidade do seu cativeiro. Eis que alguém lhe surge mansamente diante dos olhos, e ela reconhece a bondosa Senhora a quem tanto amava...

....

MARIA (Grande surprêsa e alegria) — Oh... a senhora... a senhora!...

SENHORA — Sim, Maria Angélica... sou eu.

MARIA — Pensei que a senhora também tivesse me abandonado...

SENHORA (Leve sorriso) — Duvidou de mim?

MARIA (Meio encabulada) — Não é isso não... é que... Eu pensei, sabe?... Demorou tanto a chegar...

SENHORA — Pois é. Agora, aqui estou... e vamos ver se podemos fazer alguma coisa por você.

MARIA (Brejeira) — Ah, ainda não. Antes, eu quero saber como foi que a senhora entrou. A porta está fechada!...

SENHORA (Séria) — Não... a porta está aberta... quer ver?

MARIA — Hein?... mas... A senhora está brincando comigo...

SENHORA — Quer ver? Vê?... está aberta, Maria Angélica.

MARIA (Surprêsa) — E' mesmo!... Interessante... ontem, eu pelejei para ver se a abria...

SENHORA — Pois eu não tive dificuldade nenhuma...

MARIA (Que vantagem?) — Ah, mas a senhora...

SENHORA (Leve sorriso) — Vamos ver então qual é o seu problema.

MARIA — Então a senhora não sabe?... Pois a mamãe me fechou aqui desde ontem, e estou quase morrendo de frio...

SENHORA — Sei, sim. Foi por isso que vim.

MARIA — Mas demorou tanto a chegar...

Senhora (Mística) — Às vêzes eu me demoro um pouco... mas nunca falto. Sempre atendo ao chamado daqueles que necessitam de mim...

MARIA — E eu estou precisando muito da senhora. Muito mesmo. (Bem infantil) — Ontem eu mandei um recado, sabe?
SENHORA — Um recado?
MARIA — E'. Um raiozinho de sol que estêve aqui muito tempo comigo. Depois, anoiteceu e êle foi embora. Mas, antes, eu pedi a êle que, se encontrasse a senhora, lhe dissesse que eu estava precisando do seu auxílio... (Beicinho) — Vai ver que êle nem ligou!... Amanhã, quando êle chegar, êle me paga!... Vou dizer a êle que isso não se faz... que é muito feio... a senhora não acha?
SENHORA — Você ainda quer ficar aqui amanhã?
MARIA (Tristinha) — Não sei... depende da mamãe...
SENHORA — Maria Angélica... sei que você é uma menina muito boazinha e obediente... mas a sua mãe está agindo mal. Ela está influenciada pela tentação... e você não poderá ser sacrificada por isso. Você terá que sair daqui, minha filha.
MARIA — A senhora acha?
SENHORA — Ou você quer ficar?
MARIA — Não, não!... E' muito frio, sabe?... De dia é uma escuridão, só vendo!
SENHORA — Pois deve sair, então.
MARIA — E a mamãe não pôs nem um pouquinho d'água para mim. Já estou com uma sêde!...
SENHORA — Pode ir beber.
MARIA — A senhora não vai embora?
SENHORA (Vai) — Não... estarei sempre perto de você...
MARIA — Então eu vou e volto agora mesmo.

. . . .

MARIA — Ah, até que enfim, a torneira.

. . . .

MARIA (Bebendo — Alivia-se) — Ah... que delícia... Como é bom matar a sêde... Tenho que voltar.

. . . .

MARIA (Não viu que ela saiu) — Bebi uma porção de água. Estava com muita sêde, sabe?... eu... (Viu que ela saiu) — Oh... onde está?... (Triste) — Foi embora... (Pausa) — Tenho que sair daqui. Vou ver a Glorinha...

. . . .

MARIA (Chamando brandamente) — Glorinha... Glorinha... (Pausa) Glorinha...
GLORINHA (Despertando) — Ahn... o que é!?... (Acordou — Leve susto) — Quem está aí?
MARIA (Fala baixo) — Sou eu... vim ver você...
GLORINHA (Surprêsa) — Oh... Maria Angélica!
MARIA — Fale baixo, senão a mamãe acorda...
GLORINHA (Controla-se) — Maria Angélica!... Como pôde sair de lá?
MARIA — Dei um jeito de abrir a porta, sabe?
GLORINHA (Dúvida) — Você?
MARIA (Confessa) — Você já adivinhou que foi ela, hein? Pois é. Ela estêve lá e deixou a porta aberta para mim.
GLORINHA — Que vai fazer agora?

MARIA — Não sei... E o papai?... Queria tanto falar com êle...
GLORINHA — O papai saiu e não voltou até agora...
MARIA — Saiu? Ah, então foi por isso que êle não foi me tirar de lá...
GLORINHA — Pois é. Acho que êle foi procurar emprêgo noutro lugar. A mamãe estava atormentando êle...
MARIA (Triste) — Então eu não posso ficar aqui. Sem o papai, a mamãe não me dará sossêgo...
GLORINHA — E'...
MARIA (Pausinha — Triste) — Vou-me embora daqui, Glorinha.
GLORINHA — Embora?... Para onde?
MARIA — Não sei. Para qualquer lugar.

. . . .

MARIA — Aqui não terei sossêgo, Glorinha. O povo parece que não gosta de mim... Todos dizem que eu sou feiticeira... que matei o Artur... Não adianta nada o padre Luís dizer que tudo isso é mentira... é exagêro... mas ninguém acredita. Foi por isso que o papai foi procurar emprêgo noutro lugar... Ele também não tem sorte, coitado.
GLORINHA — A mamãe é que atormenta êle, Maria Angélica. Só vendo como ela faz! (Triste) — Se eu pudesse levantar, ia trabalhar só para ajudá-lo!
MARIA — Olhe, Glorinha... eu... (Leve tosse).
GLORINHA — Você se resfriou...
MARIA — Foi aquela friagem da despensa... estava um frio horrível.
GLORINHA — Precisa tomar cuidado, mana. Isso faz mal.
MARIA (Tosse) — Não é nada... passa logo. Pois é, Glorinha... eu vou embora, e se arranjar um emprêgo e ganhar muito dinheiro, mandarei para o papai...
GLORINHA (Chorosa) — Vou sentir muita falta de você... mas como não desejo que a mamãe a maltrate mais... rezarei por você, Maria Angélica... e não se esqueça de mim...
MARIA — Não, Glorinha... nunca! (Comovida) — Adeus, meu bem... (Beijo)
GLORINHA (Um soluço) — Adeus...

. . . .

RAIMUNDA — Bom dia, seu vigário...
PADRE LUÍS — Bom dia, d. Raimunda. Como está?
RAIMUNDA — Mais ou menos... e o senhor? Entre, seu vigário... entre.
PADRE LUÍS — Ah.
RAIMUNDA — Sente-se aqui, padre Luís.
PADRE LUÍS (Sentando-se) — D. Raimunda... preciso falar com a d. Malvina... Ela está em casa?
RAIMUNDA — Está sim. (Segredando) — Foi até bom o senhor chegar, seu Vigário. Eu ia mesmo lá na sua casa hoje...
PADRE LUÍS — Ah. O que é?
RAIMUNDA — Eu vou contar. Imagine o senhor que...
MALVINA (Finge despreocupação — Vindo) — Bom dia, padre Luís. Levantou-se cedo hoje...
PADRE LUÍS — Bom dia, d. Malvina... como tem passado?
MALVINA — Bem. Alguma novidade?
PADRE LUÍS (Meio embaraçado) — D. Malvina... eu... eu fui incumbido de u'a missão um tanto delicada...

SINTONISANDO

De MILTON SALLES

"VAI DA VALSA" — Rádio Mayrink Veiga — Dia 29 de dezembro de 1952 — 21.05 horas. — Fugindo ao habitual, Haroldo Barbosa produziu excelente programa focalizando os festejos que se costumam levar a efeito por ocasião da entrada de um novo ano e, dando uma nota sentimental à audição, passou em revista os mortos famosos do ano. Assim, ao mesmo tempo que nos fêz rir gostosamente, soube fazer-nos recordar com saudade algumas criaturas queridas que se foram. Os intérpretes, notadamente os da parte cômica de "Vai da Valsa", estiveram num mesmo plano de segurança e correção, valendo destacar-se, entretanto, a participação de Matinhos, Francisco Anísio e Maria Vidal. Os narradores — César Ladeira e Luiz Jatobá — foram impecáveis e a locução no nível costumeiro. Cotação: **ótimo.**

"AÍ VEM O SUCESSO" — Rádio Mayrink Veiga — Dia 2 de janeiro de 1953 — 21 horas. — Sem nada de extraordinário — apenas com música e uma breve apresentação em estilo diferente — êsse programa cumpre, entretanto, um trabalho de grande utilidade para os ouvintes: informa, com a maior imparcialidade(coisa rara em determinados programas do gênero), a posição das melodias populares na preferência do grande público. A audição em tela, em face da proximidade do tríduo momesco, foi tôda ela feita à base de melodias carnavalescas, com exceção de "Ninguém me ama" (gravação de Nora Ney), que apesar de tudo continua sendo muito procurada nas lojas de discos. Heleninha Costa, Quatro Ases e Um Coringa, Roberto Paiva, Nora Ney e Risadinha intervieram com geral agrado, cantando as composições que gravaram e que os discófilos vêm acolhendo satisfatòriamente. Carlos Henrique, animador da audição também agiu a contento. O "script" de Roberto Silveira, sem nada de excepcional, foi agradável. A orquestra de Peruzzi, em que pese o barulho dos metais, também agradou. Cotação: **boa..**

"PROGRAMA CÉSAR DE ALENCAR" — Rádio Nacional — Dia 3 de janeiro de 1953 — 16 horas. — Nessa audição do programa do nosso amigo "Cavalete" tudo vinha correndo às mil maravilhas, certinho como estávamos habituados. Quando, porém, o César foi entrevistar a cantora Neusa Maria, esta deu a nota destoante, parecendo uma pequena ingênua, que estivesse falando num microfone pela primeira vez. Com uma voz desagradável (ela só tem voz bonita para cantar), a vocalista da Nacional se embaraça com as mais inocentes perguntas que lhe faziam os ouvintes do auditório. Felizmente, o moço Alencar, para acabar com aquêle suplicio (para êle e os sintonizadores), resolveu abreviar a entrevista. A fim de que se evitem os lamentáveis acontecimentos a que nos referimos, êle, daqui por diante. antes de entrevistar qualquer artista no seu interessante programa, deve submetê-lo a um teste. Será um santo remédio para evitar surprêsas. Cotação: **regular.**

"VALSA. DIVINA VALSA" — Rádio Tamoio — Dia 4 de janeiro de 1953 — 14 horas. — Verdadeiro "show" extra-programa ofereceram aos ouvintes da PRB-7 os locutores Álvaro Francisco e Áurea Dornell. Como se não estivessem num microfone, os dois começaram a rasgar sêdas a pretexto da próxima ausência de Áurea do programa. Êle, querendo ser gentil, desandou a tecer elogios descabidos à sua companheira de programa; e ela, querendo agradecer, fêz aquilo a que já nos habituamos a ouvir: disse uma série de sandices. Luiz Quirino, que tão bem vem se conduzindo à testa da direção artística da "emissora da família brasileira', deve tomar energicas providências para que o fato não se repita, ordenando ao chefe do Departamento de Locutores da B-7 que chame a atenção dos "speakers" que não sabem se portar ao microfone. Cotação: **má.**

Rádio Social

E' CASADO, SIM

Uma fã telefonou para a redação perguntando-me se o Carlos Galhardo, que se encontra defendendo alguns escudos no glorioso Portugal, era casado. Aqui está a resposta, menina: o criador de "Cortina de veludo" é casado, mesmo. Acontece, porém, que êle tem um grande coração e é por isso que abriga outros amôres em seu peito...

QUE E' ISSO, GENTE?

Alguém sem assunto andou espalhando que o Altivo Diniz está caidinho pela Isis de Oliveira. Mas, a verdade manda que se diga que o festejado rádio-ator jamais estêve apaixonado por alguém e muito menos pela consagrada intérprete de "Sóror Helena da Caridade". Tia Laura até acha graça num boato dêsse...

SEPARAÇÃO

A novidade de hoje é que um casal famoso do rádio brasileiro está prestes a separar-se. Os desentendimentos já chegaram ao extremo e os dois artistas estão estudando uma forma de obterem a separação sem publicidade, a fim de não prejudicar a carreira de ambos. Tia Laura, porém, está ativa e, logo que souber de tudo direitinho, contará êsse caso para vocês nesta coluna.

SERA' ?

Através de algumas amigas que possuo nos meios teatrais e radiofônicos, vim a saber que César Ladeira e Renata Fronzi já receberam o aviso de que a irrequieta D. Cegonha passará pela terceira vez no apartamento do casal pra lá de simpático. Soube, também, nessa ocasião, que a talentosa Renata — que agora voltou triunfalmente como primeira atriz de uma revista — está torcendo para que a ave pernalta lhe traga uma robusta menina.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil. Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ...

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00







O RÁDIO EM 1952

(Cont. da pág. 20)

pela Rádio Globo. — A Rádio Nacional comemorava a passagem do seu 16.º aniversário de fundação. — Fernando Lobo e Paulo Soledade eram os novos diretores da «boite» Casablanca. — Os Curumins da Tamoio iniciavam nova fase de suas atividades na R 7, inclusive apresentando uma história seriada de um jovem. — Telmo D. Avelar reformava contrato com a Rádio Clube. — O presidente da República autorizava o funcionamento de mais duas emissoras da Rêde Eldorado: a Rádio Eldorado de São Paulo e a de Pôrto Alegre. — A Rádio Globo perdia Geraldo dos Santos para a Rádio Clube. — Wolner Camargo voltava à Rádio Globo. — Morria num desastre na estrada Rio-São Paulo, o cantor Francisco Alves. Mais de cem mil pessoas acompanhavam os seus restos mortais até o cemitério de São João Batista.

OUTUBRO

A Rádio Eldorado lançava «Mensagem de amor universal», programa de Alziro Zarur. — Max Gold na chefia da divulgação na Guanabara. — Arí Néri Pires, redator comercial da Nacional, era o novo intérprete do «português» das «Piadas do Manduca». — Entrava em nova fase o programa da Continental, «Cinema e teatro em revista». — Pedro Vargas realizava uma temporada na Mayrink. — Realizava-se no Rio uma convenção de locutores esportivos de diversos Estados do Brasil — O programa «Pensão de D. Emilia», de Edgard G. Alves, voltava a ser transmitido pela Mayrink. — Jaime Moreira Filho assinava com a Rádio Nacional de São Paulo. — O rádio-ator Nilton Martins trocava a Nacional pela Tamoio. — «Itália Eterna» deixava a Rádio Clube e ia para a Guanabara. — Oto Schneider passava a produzir o «Teatro de Sonho» para a Globo: — Osvaldo Ëboli assumia as funções de diretor artístico da Rádio Jornal do Brasil. — Ruy Rey e sua orquestra na Mayrink Veiga: — Islei de Castro, cantora de boleros, estreava na PRF-4. — Jorge Curi na Rádio Nacional de São Paulo, como locutor esportivo. — Regressava ao Brasil o locutor José Roberto Dias Leme. — Hélio Tys na Emissora Piratininga de São Paulo. — Reformava contrato com a Rádio Clube o baixo Edson Lopes. — Roberto Inglês realizava pálida temporada em alguns prefixos guanabarinos. — O locutor Sebastião Braga reassumia suas funções na Tamoio. — Em lugar da «Melodia da Saudade», a Tamoio lançava a novela «O filho pródigo». Autor: Aldo Madureira. — Dalva de Oliveira firmava contrato com as Associadas Cariocas. — Hélio Paiva, Orlando Corrêa, Lauro Fabiano, Luiza Nazareth e Amélia Simone reformavam com a Tupi. — Marques Rebelo assumia a direção da Rádio Clube. — Em conseqüência, diversos elementos deixavam a A-3 e o «Trem da Alegria» passava a ser apresentado pela Rádio Mayrink Veiga. — Pedro Anísio era contratado pela Tupi. — A Rádio Tamoio lançava «Elos da vida», programa de Clímaco César. — Aérton Perlingeiro deixava a Clube e ia para a Tupi. — Alberto Figueiredo voltava à Rádio Clube — Teófilo de Barros Filho embarcava para os Estados Unidos. — César de Alencar anunciava que faria um programa na Mayrink Veiga. E fêz mesmo. — José Machado fazia movimento em tôrno do seu nome. E acabou ficando no lugar de J. M. Campos, na Mayrink.

NOVEMBRO

Carmen Cavalaro na Rádio Nacional. — Aérton estreava no «Cacique». — Luiz Brunini na gerência da Rádio Globo. — Péricles do Amaral era o novo diretor de «broadcasting» das Associadas Cariocas. — Luiz Quirino e Aldo Madureira, assumiam, respectivamente, as funções de diretor artístico e diretor de rádio-teatro da Tamoio. — A Rádio Nacional inaugurava um novo horário de novelas, o das 9,30 horas, da manhã. — Vanja Orico numa temporada na Rpdio Globo. — Anunciava-se a instalação da Rádio Colombo, em São Paulo. — O tenor cubano Manolo Alvarez Mera na Rádio Nacional. — O produtor Wilson Pôrto na Mauá. — Anunciava-se que a Rádio Globo seria transformada em emissora esportiva, a exemplo da Continental. — Ataulfo Alves e suas pastôras na Rádio Tupi. — Paulo Fortes era contratado pela Rádio Jornal do Brasil. — O locutor Aluízio Campos era contratado pela Globo. — Luiz de Carvalho e Sagramor de Scuvero rescindiam seus contratos com a Clube. — Jorge Curi retornava à Nacional do Rio. — Maria Simonetti na Rádio Jornal do Brasil. — João Dias nas Associadas Cariocas. — Orlando Silva reingressava na Nacional. — Adolfo Cruz brigava com a Clube e Luiz Alípio de Barros rava o novo transmissor de 50 kws. cinema da A-3. — Morria, em plena Rádio Tupi, o rádio-ator Carlos Medina. — Evaldo Rui renovava com a Tupi: — «Carnaval de ontem e de hoje», era o novo programa de Almirante lançado pela Clube. — Eugênio Lyra Filho assumia a chefia da redação da Clube. — A Rádio Inconfidência de Minas Gerais inaugurava o novo transmissor de 50 úws. — Felix Caignet, autor de «O direito de nascer», chegava ao Rio. — Brício de Abreu demitia-se das Associadas — Aldo Madureira reformava contrato com a Tamoio. — A Rádio Jornal do Brasil com 50 kws. — Trio de Ouro na Mayrink e na Nacional. — Leônidas Autuori na chefia do Departamento Musical da Tupi. — E Grande Otelo voltava à Nacional.

DEZEMBRO

Joel e Gaúcho realizavam uma temporada no Uruguai. — Linda Rodrigues estreava na Mayrink, onde ingressavam Sagramor e Luiz de Carvalho. — Adolfo Cruz na Rádio Nacional. — Júlio Atlas deixava a direção da Eldorado. Em seu lugar, entrava Júlio de Queiroz. — O locutor Ataliba Santos era o encarregado dos jornais falados da Rádio Jornal do Brasil. — A Rádio Quitandinha ganhava uma concessão para atuar em ondas médias. — Encerramento da temporada de Manolo Alvarez Mera na Rádio Nacional. — Simone Morais deixava a Nacional e ia para a Mayrink. — Estreava nas Associadas Cariocas o cantor João Dias. — Clímaco César anunciava que voltaria ao rádio bandeirante. — Saint-Clair Lopes regressava de Buenos Aires, onde representara o Brasil numa conferência de rádio — «Conversa do dia», crônica de Marques Rebelo, era o novo lançamento da Rádio Clube. — Neusa Feital na direção artística da Ministério da Educação. — Inaugurava os seus novos estúdios a Petrópolis Rádio Difusora. — Dandréia Neto reformava contrato com a Tamoio. — A Rádio Clube lançava a radiofonização da «Comédia Humana», de Balzac. Autor: Herrera Filho. — Falecia, em São Paulo, o ex-cantor Edmundo Silva, irmão de Orlando Silva. — José Condé ingressava no quadro de produtores da Clube. — Rebelo Júnior deixava a Rádio Tupi e, em seu lugar, entrava Wolner Camargo, que mais uma vez deixava a Globo. — Doris Monteiro, Dalva de Oliveira e João Dias também na Tamoio. — César de Alencar ingressava no cinema e Aurélio Teixeira e Nair Amorim encerravam o ano fazendo essa declaração plena de lirismo: «Estamos quase noivos».

VOLTA À ATIVA

(Cont. da pág. 5)

tejada comediante dos nossos palcos há tanto tempo afastada das atividades cinematográficas), Bené Nunes, Ivon Cury, Spina, Ankito, Violeta Ferraz (em participação de primeira e gozadíssima com Madame Pau Pereira, a representante da Paraíba no tal Congresso Feminino), Sérgio de Oliveira, Vicente Marchelli, Nena Napoli e Inah Malagutti. Em atuação de destaque, formando com Bené Nunes o casal romântico do filme, aparece a graciosa Adelaide Chiozzo. E fora de dúvida como representação de grande êxito em «E' fogo na roupa !...» estão os participantes dos números musicais: Emilinha Borba, Virginia Lane, Linda e Dircinha Batista, Elisette Cardoso, Vera Lucia e Marion. Como fator importante na aceitação pública que inquestionàvelmente terá «E' fogo na roupa !...», destaquemos aqui os luxuosos ambientes do Hotel Quitandinha que lhe serviram como cenário das filmagens fora do estúdio da Brasil Vita Filme.

A EQUIPE TÉCNICA

Enquanto Watson Macedo se encarregou da direção e Roberto Acácio se responsabilizou como produtor, outros experimentados elementos técnicos profissionais do Cinema Brasileiro aparecem à frente da equipe do filme: Cajado Filho (como co-autor do roteiro e cenógrafo). Roberto Faria, assistente de direção, o excelente Edgard Brasil como fotógrafo e Alexandre Gnatalli nos arranjos dos números musicais. Elias Lourenço de Souza é o diretor de produção, enquanto que a cargo do som está Alberto Viana e como maquilador e anotadora, respectivamente se encarregam Raymundo Compensatto e Geny Macedo. Estão assim reunidos todos os elementos capazes de tornar «E' fogo na roupa !...» um filme de agrado certo perante o público que tão acertadamente prestigia anteriores realizações de Watson Macedo e o impôs como um autêntico diretor dos milhões !

CALVÍCIE PRECOCE
Como evitá-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR dos CABELOS
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

VÍTIMA DO PECADO

(Cont. da pág. 9)

vulgar histórico e bêsta dramalhão, sòmente que acrescida das qualidades formais antes aludidas, e, sobretudo, as fotografias de Gabriel Figueroa.

E o pior: foram de uma maldade, de uma sordidez e morbidez poucas vêzes vistas anteriormente. Que mundo de baixeza e imundicie êles ensinam! onde puseram a Arte neste momento?

Afora disto há a observar, ainda na parte formal, o preciso contraponto de som e imagem valorizado pela ótima e típica partitura de Dias Conde (um dos maiores compositores mexicanos e que últimamente tem trabalhado com dois cineastas), tôda ela pulsando no próprio ambiente e não funcionando como mero background incidental.

Alguns números musicais, montados pela própria Ninon Sevilla não deixam de ter algum valor com alguma pitada de sabor nativo e apaixonado. E aquêle malicioso "Ai, José" é como o condimento mexicano: queima, arde, mas é delicioso.

Rodolfo Acosta num grande papel.

Pêsames.

"UMA NOITE NO TABARIN"

(Cont. da pág. 14)

prontas para ir para a casa de seus pais. Ela está entre surpreendida e magoada com o comportamento de Armand: como é possível — diz ela — um marido que, em cinco anos de casamento, jamais havia passado a noite fora de casa ? Chegando em casa à madrugada !. Devia ser negócio de sáia ! Armand tenta acalmar Micheline, dizendo que não estava com mulher alguma: encontrára um amigo grêgo, Ajax Kokaleikas, antigo companheiro de escola, e ficára palestrando com êle. Micheline não acredita. Nêste momento, entra Jean, o criado, dizendo a Armand que um senhor o procura: Ajax Kokaleikas... Enormemente surpreendido, Armand o manda entrar. Um tipo exuberante de homem vem estendendo as mãos para Armand, chamando-o de «caro amigo e beijando as mãos de Micheline. Esta modifica de atitude para com o marido: pede perdão por ter suspeitado dêle e insiste para o grêgo vir hospedar-se em casa dêles. Mas, Armand inventa uma espôsa para o homem, dizendo ser impossível, pois têm de prosseguir viagem. Mas, Ajax apareee mais tarde, acompanhado de sua «espôsa», que não é outra senão Cora, a «vedette» do «Tabarin». As situações seguem-se, mais complicadas do que nunca, pois Armand, embora gostando de Micheline, está interessado por Cora e fica furioso por saber que ela vai passar a noite no mesmo quarto que seu «marido», Ajax. O resultado é que naquela noite ninguém consegue pregar ôlho. Armand preocupado em verificar se Cora e Ajax estão acordados. Micheline querendo proporcionar uma noite agradável aos dois «esposos», o criado Jean vigiando o quarto da criada Jeannette, sua namorada, Cora fechada a chave com Armand, Ajax caindo no quarto de Jeannette... E' uma complicação terrível que vai pela manhã afóra. Mas o resultado não se faz esperar; tudo se esclarece, ao se saber que Armand é o proprietário do «Tabarin» e todos se sentem felizes. O «Tabarin» continuará, a partir daquela noite, a espelhar a beleza, a alegria e o perfume de Paris, a Cidade-Luz ! Armand reconquistou Micheline, Ajax conquistou o coração da inveterada solteirôna Cora continuar a ser a «estrêla» do «Tabarin» !

OLIVER TWIST

(Cont. da pág. 9)

o povo e nação os defeitos do personagem e temia um recrudescimento do antisemitismo. Desnecessário. O antisemitismo hoje é sòmente coisa de tarados e recalcadas).

Mas é no seu conjunto como obra que o filme de David Lean impressiona. Não é só a maravilhosa fotografia e iluminação que, aliada aos impressionantes «decors», criam de fato uma atmosfera dickensiana, não é só o estupendo (os adjetivos perdem sua hierarquia quando a coisa nos agrada, é a nossa fraqueza...), trabalho de camera, o trabalho cinematográfico pròpriamente dito, não é só o maravilhoso trabalho de todos os atores desde o fabuloso Alec Guiness fazendo Fagin até ó Raposa um dos meliantes-mirim, mas é, sobretudo, a maneira de reunir todos êstes ingredientes e alinhavá-los numa obra uniforme, coesa e igual, que dá a Lean credenciais de mestre. São os seus admiráveis artifícios de narração (a criança recém-nascida é conduzida pelas diversas dependências do orfanato, cada uma com gente de uma idade e quando chega a última ela já está na idade em que a história se desenrola), os seus hábeis e maravilhosos cortes com sentido metafórico totalmente espontâneos e fluindo com admirável espontaneidade, é isto que credita a obra ao nosso ver, e prende ao espectador compensando a simploriedade da trama.

Entretanto, doeu-nos ver David Lean esquecendo no final dos outros meninos, ladrões é verdade, mas crianças também, e preocupando-se sòmente com o enternecedor happy-end do aristocrático Oliver Twist.

CINE-CRÍTICA...

(Cont. da pág. 20)

também, aos demais cinemas do mundo, porque, o cinema americano com todo o seu farolento cartaz, o cinema europeu, o cinema mexicano, o portenho, etc., etc., — produzem também, os seus «bacaxis», e em grande escala ! Acontece, porém, que o senhor e grande parte do nosso público, já se acostumou (é um vício) a valorizar os «abacaxis» do cinema estrangeiro, desprestigiando as nossas películas. Felizmente, no entanto, a corrente que admira, que incentiva, que trabalha e que defende o nosso cinema, é bem maior da que o difama. O principal e indispensável, é combatermos os que não acreditam na cinematografia nacional, porque só assim, venceremos condignamente. A verdade, é que, maus brasileiros vivem amesquinhando o cinema nacional, êsse cinema que, bem brasileiro e bem nosso, já evoluiu muito e está se aprimorando cada vez mais, à despeito da opinião contrária das más línguas. E' uma atitude anti-patriótica! E ainda que o nosso cinema se apresentasse imperfeito e desinteressante, que não prestasse, enfim, não se justificam as constantes críticas estúpidas e difamatórias que procuram desprestigiá-lo à opinião pública. Cumpre a todos os bons brasileiros, — é um dever é um dever sagrado, — estimular os produtos nacionais com palavras de confôrto e de carinho, de incentivo e de encorajamento, apontando-lhes as lacunas, e as medidas adequadas para saná-las, porém, com argumentos brandos e conselhos esclarecedores. Agir de maneira inversa, será portar-se como brasileiro renegado, sem noção dos deveres inerentes ao bom patriota. Devemos combater sem tréguas, para que os difamadores das nossas conquistas, das nossas realizações, dos nossos patrimônios, e do NOSSO CINEMA, — sintam o repúdio e a punição que merecem. Precisamos de críticas construtivas... que incentivem, e não de críticas como a sua, Sr. Rezende, que só servem para destruir ! Auxiliar os esforços dos nossos cinematografistas e «homens de cinema», reconhecendo-lhes os seus trabalhos incansáveis e a melhoria das nossas produções que cada vez mais se elevam, é concorrer para a maior glória do cinema nacional ! Meu caro Sr. Cruz de Rezende, amemos o que é nosso e principalmente, o nosso cinema ! (preste ou não preste) ! NÃO SE ESQUEÇA, MEU AMIGO, DE QUE, O CINEMA NACIONAL, E' TAMBÉM PARTE INTEGRANTE DESTA GLORIOSA PÁTRIA, MERECENDO, PORTANTO, TODO O AMOR E TODO O CARINHO, PRÓPRIO DE UM BOM BRASILEIRO QUE AMA A TERRA EM QUE NASCEU ! MORRENDO POR ELA, SE PRECISO FÔR !

ALBUM DE

A CENA MUDA

PARA 1952

★ ★

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★



O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25'00

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:

"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ

Maravilhosamente ilustrado, a côres, por Fortunio Matania.

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO — CRISTÃO — CATÓLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPÉTUO — PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS — CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO — AGRÍCOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 — TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMEÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

1953

Almanaque

EU SEI TUDO

PEDIDOS A [illegible] EDITORA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO